



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH IV – CAMPUS IV, JACOBINA**  
**COLEGIADO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**FERNANDO MACEDO DA SILVA**

**QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADES E RAÇA/COR NA PROVA DE  
LINGUAGENS DO ENEM: OLHARES INTERSECCIONALIZADOS**

**JACOBINA**  
**2019**

FERNANDO MACEDO DA SILVA

**QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADES E RAÇA/COR NA PROVA DE  
LINGUAGENS DO ENEM: OLHARES INTERSECCIONALIZADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas – DCH IV da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura plena em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Gomes da Silva

JACOBINA  
2019

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:  
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Silva, Fernando Macedo da.  
S586q Questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de  
linguagens do ENEM: olhares interseccionalizados / Fernando  
Macedo da Silva.  
Jacobina - BA  
85 f.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento  
de Ciências Humanas – DCH IV Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura  
plena em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Universidade do  
Estado da Bahia, 2019.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Gomes da Silva.

1. ENEM. 2. Linguagens. 3. Interseccionalidade. 4. Pesquisa  
Bibliográfica. 5. Análise do Discurso Francesa. I. Ana Lúcia Gomes  
da Silva II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de  
Ciências Humanas/Campus IV. III. Título

CDD – 496.333

FERNANDO MACEDO DA SILVA

QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADES E RAÇA/COR NA PROVA DE  
LINGUAGENS DO ENEM: OLHARES INTERSECCIONALIZADOS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Humanas – DCH IV da Universidade do  
Estado da Bahia – UNEB, como requisito  
parcial para obtenção do grau de  
Licenciatura plena em Letras, Língua  
Portuguesa e Literaturas.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Gomes da Silva  
Universidade do Estado da Bahia - Uneb (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Girleide Ribeiro Santos Cunha  
Universidade do Estado da Bahia (Uneb) (Membro interno)

---

Prof. Me Joselito Manoel de Jesus (Membro interno)  
Universidade do Estado da Bahia - Uneb

---

Prof. Esp. Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho  
Universidade do Estado da Bahia- Uneb (Membro interno)

Aprovado, 21 de agosto de 2019, Jacobina – BA

Dedico este trabalho a meu pai, Reinaldo Fernandes da Silva (*in memoriam*), pois foi por sua persistência e empenho para que eu seguisse estudando, que consegui chegar até aqui. Sinto imenso orgulho pela trajetória que trilhou quando em matéria. Se escrevo agora em lágrimas é porque reconheço e consigo entender como a minha trajetória é marcada e referenciada por sua dedicação e seus conselhos que se traduziram em amor. A minha mãe Isabel Silva Macedo pelo amor e apoio incondicionais a mim dedicados. A todos aqueles que tiveram/tem a coragem de enfrentar as opressões e viverem a vida tal como sentem.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a divindade maior, força suprema que nos conduz, aos encantados protetores e guias, santos e orixás pela grata oportunidade da consciência de viver.

Agradeço a minha família, pai (*in memorian*), mãe e irmãos (José Neto, Valterli (Branco), Marilene, Celeste, Alice, Reginaldo, Sebastião, Licionete (Li) e Iranilde) que constituem a minha base, o meu porto, por todo apoio, amor e boas vibrações emanadas.

Agradeço imensamente à minha orientadora professora Ana Lúcia Gomes da Silva, pela parceria formativa, produtiva e sobretudo afetiva, pelos ensinamentos de vida e de academia, pelo sorriso que abraça, coração que acolhe, o olhar que compreende, a palavra que acalenta; e pelo brilhantismo com que me orientou durante as pesquisas de Iniciação Científica (IC), por três anos [2016-2019], assim como pela empreitada de orientação neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Minha gratidão eterna por ter me ensinado tanto, sempre de coração aberto e de alma pura. Grato sou pela oportunidade deste reencontro.

À banca examinadora deste trabalho: professora Girleide Ribeiro Santos, professor Joselito Manoel de Jesus, Prof Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho pelo carinho, disponibilidade e contribuições a este estudo investigativo.

Aos meus avós, tios, sobrinhos e primos, cunhadas e cunhados que constituem uma numerosa rede de afeto, pelo amor, pela convivência afetuosa e respeitosa as boas vibrações emanadas.

Aos amigos Gabriel (*in memorian*) por todo amor, toda cumplicidade e toda coragem que me inspira. Cleverson (Clevis), Carlane, Éverton e Mateus e Venâncio.

Às escolas: Escola Municipal Santo Antônio em Brejões – Morro do Chapéu, minha casa alfabetizadora. Aos amigos feitos na Escola Municipal Adalberto Pereira e Colégio Estadual Jubilino Cunegundes, hoje CETEP Chapada Diamantina II.

Às minhas professoras e professores da Educação Básica. Pessoas inspiradoras e corajosas que são referenciais de vida pela maestria da profissão e do auxílio na tessitura de vidas dos seus alunos, especialmente Maria Valdeir (alfabetizadora) Valéria, Ana Célia, Vanderlândia, Shizuka, Carla, Durvalina, Jossemar, Fabiana, Bibiana, Dulcinéia e Ana Paula.

Às professoras/es e coordenação do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela dedicação, empenho e compreensão nesta árdua tarefa de incutir o pensamento e instrumentalizar os graduandos para aceitar desafios e romper obstáculos, especialmente Elizabeth, Márcia, Maria Iraídes, Denise, Crizeide, Paulo André, João Neto, João Rufino e Líbia e Thais.

À professora de TCC, Thais Nascimento pela atenção e apoio.

Aos colegas de turma pelos momentos ímpares nesta etapa da minha formação: Ana Lúcia, Bruna, Fernanda, Ione, Jaine, Joana, Josilene, Lilia, Marciany, Naiara, Regianne, Roberta, Rosiane, Rosivania, Sarah, Taís, Thainá, Uelma e Viviane.

À Universidade do Estado da Bahia em especial ao Departamento de Ciências Humanas – DCH IV, corpo docente, direção, técnicos e auxiliares de serviços em especial a ex-secretária Cátia Santos que teve papel fundamental no início da minha jornada neste curso, estendo também a Isabela e Andreza que conduzem a comissão interna da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil – PRAES no departamento e Gerlane (Gerly) pelo apoio e atenção de sempre.

Agradeço também à professora Juliana Salvadori pelo apoio para que participasse do 3º Desfazendo Gênero e pela partilha de conhecimentos no DIFEBA.

Aos grupos de pesquisa: Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos – DIFEBA e Grupo de Pesquisa em Linguagens, Estudos Culturais e Formação do Leitor – LEFOR e Grupo de Estudo em Análise do Discurso – GEAD.

Às companheiras(os) de residência universitária em especial Ediane, Lucicleia (Bia), Adenice (Adny), Rosana, Julho, Jobison, Márcia, Misael, Lucas, Romário, Iago, Jacione, Jeandra, Joice, Ronilton, Eriston, Davi, Will, Diego, Abner, Érick e demais pelos momentos vividos, pelas lutas e pelas aprendizagens, estendo também ao Movimento de Casas de Estudantes (MCE).

Ao CNPq e FAPESB pelo fomento às minhas pesquisas de Iniciação Científica (IC), que me oportunizaram crescimento acadêmico e permanência na universidade.

Aos colegas de IC: Elson, Jobison, Taine e Ádina pelos compartilhamentos de saberes e sabores.

E a todos que passaram por mim e me marcaram de alguma forma.

“Falar de questões que foram historicamente tidas como inferiores, falar de mulher, população negra, LGBT é romper com a ilusão de universalidade que exclui. A concepção de universal de quem está no poder é um dado ilusório. Não nos enganemos quando eles dizem que falam de temas universais e nós não. Eles estão tão somente falando de si próprios.” (Djamila Ribeiro, 2015.)

## RESUMO

SILVA, Fernando Macedo da. **Questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de Linguagens do ENEM: olhares interseccionalizados**. 2019. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia. Jacobina, 2019.

O presente estudo intitulado **Questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de Linguagens do ENEM: olhares interseccionalizados**, ancora-se na abordagem qualitativa com ênfase na pesquisa bibliográfica com interface na pesquisa documental. O objetivo central deste estudo é compreender como o gênero e demais categorias de sexualidade, raça/cor estão apresentadas nas avaliações do Enem na área de linguagens. Como objetivos específicos: realizar o levantamento das questões que tratem de gênero, sexualidades e raça/cor nas questões da prova de Linguagens do ENEM; compreender à luz da Análise do Discurso Francesa (AD), os conceitos de formação discursiva e memória discursiva no *corpus* de análise, a fim de identificar como as questões elencadas contribuem para o debate acerca da temática objeto deste estudo; analisar nos enunciados das questões os sentidos construídos acerca das temáticas e apresentar como a abordagem dessas questões denunciam e ou contribuem para a manutenção de padrões sociais e legitimação de discursos de verdades. O procedimento metodológico adotado foi o levantamento de 19 questões da prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM no recorte temporal de 10 edições [2009 a 2018], que se constituiu como *corpus* de análise. Utilizou-se como dispositivo de análise do referido *corpus*, a Análise do Discurso Francesa. Como principais resultados este estudo revelou que as questões que suscitam um debate interseccional aparecem de forma tímida, somente nos últimos dois anos do recorte temporal. Além disso, os discursos materializados nas questões de gênero e sexualidades estão implicados nas relações de poder, na perspectiva dos papéis de gênero, ora naturalizados, ora denunciados. Raça/cor são abordadas ainda circunscritas à colonização e escravização, porém, as questões interseccionadas dos últimos dois anos, já sinalizam pelos marcadores linguísticos apresentados, a abordagem de outros aspectos ligados à negritude tais como estética e luta da mulher negra contra a opressão e violência sofridas historicamente em virtude dos marcadores que se sobrepõe de modo interseccionado a gênero, sexualidade e raça.

**Palavras-chave:** ENEM. Linguagens. Interseccionalidade. Pesquisa Bibliográfica. Análise do Discurso Francesa.

## ABSTRACT

The present study entitled *Questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de Linguagens do ENEM: olhares interseccionalizados*, anchors in the qualitative approach with emphasis on bibliographic research and interfaces with documentary research. The main objective of this study is to understand how gender and other categories such as sexuality, race/color are presented in the Enem assessments in the area of languages. As specific objectives: to survey the issues that deal with gender, sexuality and race/color in the questions of the ENEM Languages test; to understand based on the French Discourse Analysis (AD), the concepts of discursive formation and discursive memory in the corpus of analysis, in order to identify how the issues listed contribute to the debate about the subject matter of this study; to analyze in the statements of the questions the meanings constructed about the thematic and to present how the approach of these questions denounce and/or contribute to the maintenance of social patterns and legitimation of truth discourses. The methodological procedure adopted was the survey of 19 questions of the ENEM Languages, Codes and Technologies test in the time frame of 10 editions [2009 to 2018], which was constituted as a corpus of analysis. The French Discourse Analysis was used as a device for analyzing this corpus. As main results, this study revealed that the issues that raise an intersectional debate appear shyly in the last two years. In addition, discourses materialized in gender and sexuality issues are implicated in power relations, from the perspective of gender roles, sometimes naturalized, sometimes denounced. Race/color are still circumscribed to colonization and enslavement, though, the intersected issues of the last two years, indicates by the linguistic markers presented in the questions the approach of other aspects related to blackness such as aesthetics and the struggle of the black woman against oppression and violence suffered historically by virtue of the markers that overlap intersected with gender, sexuality and race.

**Keywords:** ENEM. Languages. Intersectionality. Bibliographic Research. Discourse Analysis

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Questão 127: a mulher no futebol .....	42
<b>Figura 2</b> – Questão 43: a mulher no futebol 2 .....	43
<b>Figura 3</b> – Questão 132: áreas de estudo segundo o gênero .....	44
<b>Figura 4</b> – Questão 117: os papéis destinados aos gêneros .....	46
<b>Figura 5</b> – Questão 132: Lugar de mulher também é na oficina .....	48
<b>Figura 6</b> – Questão 09: A mulher no tempo histórico da cantiga de roda: patriarcalismo hierarquia familiar .....	49
<b>Figura 7</b> – Questão 16: Criação, papel só da mãe? .....	51
<b>Figura 8</b> – Questão 28: Violência contra mulher e o silêncio .....	53
<b>Figura 9</b> – Questão 41: Romper o silêncio da violência contra a mulher .....	55
<b>Figura 10</b> – Questão 40: A lavadeira e os estigmas de raça e classe .....	55
<b>Figura 11</b> – Questão 35: O que quer a mulher de vermelho? .....	57
<b>Figura 12</b> – Questão 127: Yaô: iorubá e português conversando .....	58
<b>Figura 13</b> – Questão 24: Produtos de beleza e a estética do racismo .....	59
<b>Figura 14</b> – Questão 20: Vó, a senhora é lésbica? A sexualidade silenciada .....	61
<b>Figura 15</b> – Questão 37: O Pajubá e a costura cultural .....	64
<b>Figura 16</b> – Questão 105: Olá, Negro! Preservação da memória e cultura .....	64
<b>Figura 17</b> – Questão 128: A perversidade contraditória em Negrinha .....	65

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Revisão sistemática .....	18
<b>Quadro 2</b> – Número de questões por ano .....	41
<b>Quadro 3</b> – Número de questões por ano e categoria .....	41

## LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

<b>AD</b>	Análise do Discurso
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>ENCCEJA</b>	Exame Nacional Para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
<b>FD</b>	Formação Discursiva
<b>FIES</b>	Financiamento Estudantil
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IC</b>	Iniciação Científica
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>PPED</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade
<b>ProUni</b>	Programa Universidade Para Todos
<b>SISU</b>	Sistema de Seleção Unificada
<b>SD</b>	Sequência Discursiva

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
1.1	Revisão sistemática: conhecendo o tema e os resultados das pesquisas realizadas	16
<b>2</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE: DIÁLOGOS INICIAIS, CATEGORIAS TEÓRICAS ENTRELAÇADAS</b>	<b>22</b>
2.1	Gênero: mulheres em luta, conceito em movimento	25
2.2	Sexualidades: representações múltiplas tecidas nas diferenciações	27
2.3	Raça/cor: autorreconhecimento e autoaceitação como resistência e luta	29
<b>3</b>	<b>EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO – ENEM: IMPLEMENTAÇÃO E MUDANÇAS NO ATUAL CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO</b>	<b>33</b>
3.1	A Análise do Discurso: operando com a linguagem nas provas do Enem	36
3.2	Análise do Discurso: dos gestos de interpretação à memória discursiva na materialidade no ENEM	37
3.3	Análise do Discurso como dispositivo de análise: a construção do <i>corpus</i> da pesquisa	39
<b>4</b>	<b>ANÁLISES DAS PROVAS DE LINGUAGEM DO ENEM: GÊNERO, SEXUALIDADES E RAÇA/COR INTERSECCIONADAS</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>67</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>70</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>74</b>
	<b>ANEXO A:</b> Questão 127, 2010	74
	<b>ANEXO B:</b> Questão 128, 2010	74
	<b>ANEXO C:</b> Questão 132, 2010	74
	<b>ANEXO D:</b> Questão 117, 2012	75
	<b>ANEXO E:</b> Questão 132, 2012	75
	<b>ANEXO F:</b> Questão 105, 2013	76
	<b>ANEXO G:</b> Questão 119, 2013	77
	<b>ANEXO H:</b> Questão 127, 2015	77
	<b>ANEXO I:</b> Questão 09, 2017	78
	<b>ANEXO J:</b> Questão 16, 2017	79
	<b>ANEXO K:</b> Questão 28, 2017	79

<b>ANEXO L:</b> Questão 40, 2017 .....	80
<b>ANEXO M:</b> Questão 14, 2018.....	81
<b>ANEXO N:</b> Questão 20, 2018 .....	81
<b>ANEXO O:</b> Questão 24, 2018.....	82
<b>ANEXO P:</b> Questão 35, 2018 .....	83
<b>ANEXO Q:</b> Questão 37, 2018.....	84
<b>ANEXO R:</b> Questão 41, 2018 .....	84
<b>ANEXO S:</b> Questão 43, 2018 .....	85

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo investigativo nasce das minhas inquietações e implicações despertadas quando atuei como bolsista de Iniciação científica entre 2016-2017, orientado pela professora Ana Lúcia Gomes da Silva, com o subprojeto *Educação Sexual na Educação Básica: formação em exercício, práticas pedagógicas em contextos de diversidades*, o qual foi fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) cuja abordagem estudada foi a temática de gênero e sexualidade no ensino médio, o qual faz parte do projeto da orientadora, intitulado *Profissão Docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas*”, vinculado ao grupo de pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (Difeba), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED) da Universidade do Estado da Bahia.

Este período como bolsista me fez compreender de modo mais consistente o objeto de estudo e o tema, e pude ter um contato maior com livros, artigos, pesquisas e eventos da área educacional, que tomam a educação sexual na educação básica como objeto de estudo, de modo que pude compreender que os diversos marcadores de gênero, raça/etnia, sexualidade e tantos outros, são intrinsecamente rodeados de ideias do senso comum, e que apenas a partir da visibilidade e debate destes temas poderemos criar um ambiente apto para desconstruir discursos que legitimam e ratificam estereótipos, exclusões e invisibilizam ou apresentam de modo genérico as categorias mencionadas.

O presente estudo toma como objeto, as provas de Linguagens, códigos e suas tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM no período de 2009 a 2018. Considerando que a prova de Linguagens também é composta por 5 questões em Língua Espanhola e cinco em Língua Inglesa, ressalto que tomarei apenas as questões em Língua Portuguesa, por ser a língua oficial do Brasil e por ser a minha área de formação. Para dar conta do objeto proposto, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: Como têm sido tratadas as questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de Linguagens, códigos e suas tecnologias ENEM? Para responder ao problema de pesquisa outras questões norteadoras se apresentam tais como: Quais abordagens têm sido utilizadas no trato dessas questões? Quais aspectos são priorizados nas questões das avaliações acerca da diversidade tendo como recorte

as questões de gênero, sexualidades e raça/etnia. Há representação das formas de diversidades nas avaliações propostas? Quais? Os temas são tratados de maneira a contribuir para a erradicação das diversas formas de discriminação? As questões tendem a denunciar e/ou reforçar padrões de comportamento?

Para responder à questão investigativa deste estudo realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como método a pesquisa bibliográfica, a pesquisa foi dividida em duas etapas: primeiro a revisão sistemática num recorte temporal de 2009 a 2018. Logo após foi feito levantamento das questões do ENEM da prova de Linguagens, códigos e suas tecnologias no portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP no período abrangente a 2009 - 2018, que constituem o *corpus* de análise deste trabalho.

A relevância do estudo se dá à medida em que se propõe a discutir a temática, apontar os desafios e as perspectivas e analisar de que forma a abordagem corresponde com as expectativas e realidades sociais atualmente, pois como bem cita o documento “Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações ÉtnicoRaciais”

gênero, raça, etnia e sexualidade estão intimamente imbricados na vida social e na história das sociedades ocidentais e, portanto, necessitam de uma abordagem conjunta. Para trabalhar estes temas de forma transversal, será fundamental manter uma perspectiva não-essencialista em relação às diferenças. A adoção dessa perspectiva justifica-se eticamente, uma vez que o processo de naturalização das diferenças étnico-raciais, de gênero ou de orientação sexual, que marcou os séculos XIX e XX, vinculou-se à restrição do acesso à cidadania a negros, indígenas, mulheres e homossexuais. (ROHDEN *et al.*, 2007, p.13)

Acrescente-se ainda, que além das categorias gênero, raça/etnia e sexualidades estarem imbricadas, representam uma intersecção necessária a fim de não esvaziar seu conteúdo e aspectos epistêmicos e políticos, de modo a tensionar a forma como esses temas são abordados nas provas do ENEM, que além de um programa de seleção para ingresso nas universidades, é também um meio de avaliação do Ensino Médio. Portanto, quando se pensa em avaliar deve se levar em consideração o currículo e sobre ele nos interrogar. Daí suscitarmos a problemática dessas questões em relação ao currículo, pois compreender gênero, sexualidades e diversidade de raça/cor de forma interseccionalizada amplia a compreensão de como o machismo, racismo, sexismo entre outras formas de opressão, criam seus mecanismos de naturalização através do discurso.

Compreender tais temáticas como sendo relevantes para o currículo é o primeiro passo para a efetivação de uma pedagogia que priorize o indivíduo enquanto ser único, porém, diverso promovendo práticas curriculares e educativas nos quais a diversidade seja colhida e respeitada, promovendo configurações sociais, culturais e políticas nas quais os homossexuais, os negros, as mulheres, os indígenas tenham acesso irrestrito à cidadania.

Desta forma, com este estudo buscamos responder aos seguintes objetivos específicos: realizar o levantamento das questões que tratem de gênero, sexualidades e raça/etnia nas questões da prova de Linguagens do ENEM; compreender à luz da Análise do Discurso Francesa, os conceitos de formação discursiva e memória discursiva no *corpus* de análise e como essas questões contribuem para o debate acerca da temática que tratem de gênero, sexualidades e raça/etnia; analisar nos enunciados das questões os sentidos construídos acerca das temáticas e apresentar como a abordagem dessas questões denunciam e ou contribuem para a manutenção de padrões sociais e legitimação de discursos de verdades.

Em seguida apresentamos como está estruturado este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para situar os leitores e leitoras: Introdução, item em que apresentamos brevemente as motivações para o estudo, o objeto de estudo, a questão de pesquisa, objetivos métodos e *corpus* da pesquisa e revisão sistemática.

No capítulo 2 apresentamos as categorias teóricas basilares na construção deste estudo, tensionando interseccionalidade, gênero, sexualidades e raça/cor. No capítulo 3 traçamos o histórico do ENEM desde sua implementação, às mudanças e os impactos; também abordamos a Análise do Discurso e a construção do *corpus*. No capítulo 4 estão as nossas análises e as discussões gerais das questões. Por fim, no capítulo 5 registramos nossas considerações finais, apresentando os objetivos alcançados considerando a questão investigativa que norteou este estudo.

### **1.1 Revisão sistemática: conhecendo o tema e os resultados das pesquisas realizadas**

Visando conhecer melhor as pesquisas realizadas com o tema deste estudo, realizamos busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Após esta busca foi feita uma revisão sistemática, em que analisamos os estudos e seus resultados para

responder a seguinte questão: Quais as principais contribuições das pesquisas que tomam o ENEM como objeto de estudo? Como as temáticas de gênero, sexualidades e raça/cor são tratadas? Na perspectiva da interseccionalidade ou de modo fragmentado?

Elaborar uma revisão sistemática com fins de obter um marco diferencial torna-se relevante no sentido em que relacionar os conhecimentos já produzidos em tempo e espaço diferentes direciona o pesquisador para seu estudo, assim Sampaio e Mancini (2007, p.84) afirmam:

As revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando na orientação para investigações futuras.

Destarte, a revisão serve como um mecanismo direcionador para que o pesquisador, olhando para os resultados obtidos, consiga estabelecer os nortes de seu estudo, buscando evidenciar temas e questões ainda não evidenciados ou trazidos em outras perspectivas.

É pertinente aqui, diferenciar revisão sistemática de estado da arte, também conhecido como revisão de conhecimento, enquanto o estado da arte depende do pesquisador um mapeamento mais amplo em que é necessário levantar o estado de determinado tema em quantidade de anos maior para se chegar aos resultados, apresentando de forma rígida o estado atual de um tema, tendo caráter “inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” (FERREIRA, 2002, p. ), na revisão sistemática o recorte maior é de dez anos conforme é apontado por teóricos em métodos de pesquisas.

Sendo assim, percorremos as seguintes estratégias de busca: uso de palavras-chave como *Enem; interseccionalidades*, a qual apresentou 1293 resultados e ao ampliar os termos de busca para *Enem; gênero; sexualidades; raça*, apresentou 74 204 resultados, o que nos permitiu constatar que as pesquisas que abordam os marcadores nomeados são maioria, enquanto que o conceito da interseccionalidade aparece em menor número.

Continuando com as buscas, utilizamos como filtro nosso recorte temporal de 2009-2018, priorizando as pesquisas das áreas das Ciências Humanas, Letras e Educação, assim encontramos o total de 957 pesquisas. Decidimos analisar as

pesquisas que tratassem das nossas categorias de análise e que abordassem discursivamente as questões do Enem, já apresentadas anteriormente. Das pesquisas encontradas selecionamos três dissertações que atendiam aos critérios estabelecidos, a fim de realizar análise posterior, sendo o principal critério de seleção a escolha de pesquisas que demonstrassem maior pertinência e correlação com o nosso estudo. Como critérios de exclusão elencamos pesquisas que não foram realizadas no recorte temporal e que não são das áreas definidas. Linguagens, Educação ou Ciências Humanas e ainda as que não estão escritas em Língua Portuguesa.

A análise realizada tomou inicialmente como referência os resumos, introdução e conclusões das pesquisas. Posteriormente outras seções também foram lidas como forma de encontrar informações pertinentes que não se encontrava nos itens anteriores, e assim descrever as relações, correlações e as diferenças entre as pesquisas e o objetivo principal da nossa. Desta forma, os dados obtidos colaboraram significativamente para delimitar o nosso tema, conhecer as pesquisas que mais se aproximam do nosso estudo e quais resultados estes estudos já evidenciaram. Em seguida descrevemos as análises e as conclusões das pesquisas apontadas no quadro a seguir:

**Quadro 01:** Revisão sistemática do tema ENEM na perspectiva interseccional

TÍTULO	AUTOR(A)	ANO
1 - As representações de gênero nas questões de ciências da natureza do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM	VICENTE, Viviana da Cruz	2018
2 – Discursividade midiático-ideológica sobre a temática da mulher no ENEM 2015	LACERDA, Rowena Borralho Monteiro	2017
3 - Afirmações e silenciamentos sobre a temática racial no ENEM	SOUZA, Luiz Eduardo Espindola de	2016

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019).

A pesquisa de Vicente (2018) *As representações de gênero nas questões de ciências da natureza do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM*, teve como objeto de estudo as relações de gênero na prova de Ciências da Natureza do ENEM. Foi utilizada a pesquisa documental e bibliográfica e para a análise foi utilizada a Análise do Discurso (AD) para atender aos seguintes objetivos: analisar como são abordados os gêneros nas questões de Ciências da Natureza, do ENEM no período de 2009 a 2016, identificar a representação de gênero praticada nos cadernos do Novo ENEM.

A autora conclui sua pesquisa afirmando que a produção da avaliação se apoia em uma ideologia de gênero binária, que as personagens femininas aparecem em menor proporção nos excertos do *corpus* e que a representação feminina perpassada é de um ser estereotipado que se funda em uma ideia patriarcal (ser subordinada ao homem).

O trabalho nos interessou por abordar as questões de gênero na prova do ENEM, porém de seu recorte está pautado na prova de Ciências da Natureza. No entanto é utilizado como dispositivo de análise a AD, focando no conceito de Formação Discursiva segundo Orlandi, mas também foi utilizado o percurso gerativo de sentido ancorado em Fiorin.

Já a dissertação de Lacerda (2017) intitulada *Discursividade midiático-ideológica sobre a temática da mulher no ENEM 2015*, utilizou a hipótese de que as inscrições discursivas midiáticas acerca da abordagem da temática da mulher no Enem de 2015 se comportam conforme posicionamentos ideológicos das instâncias enunciativas subjetivas. Apresentou os seguintes objetivos: como se apresentam as inscrições discursivas dos dizeres sobre a questão que apresentou um trecho da obra de Simone de Beauvoir e/ou sobre o tema da proposta de redação Enem 2015, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”? Quais formações ideológicas e interdiscursividades se identificam a partir de inscrições discursivas dos sujeitos que enunciam sobre o tema?

A autora utilizou como sustentação teórica e metodológica noções de discurso da AD como sujeito, sentido, assujeitamento, interdiscurso, memória discursiva etc., para discutir as inscrições filosóficas, históricas, políticas e culturais que emergem dos discursos midiáticos acerca da questão da mulher no ENEM 2015. Neste sentido a pesquisa se distancia da nossa, pois seu recorte desvia da materialidade presente nas questões do exame indo para a materialidade de outras fontes, não deixando de discutir, as questões referentes à mulher suscitadas pela edição 2015 do ENEM.

A autora afirma em suas conclusões a confirmação da sua hipótese, reafirmando o modo como o tema foi abordado e as inscrições em discursos relacionados a posições político-ideológicas, constatando assim que estas se inserem em aspectos ideológicos diversos.

A terceira pesquisa deste recorte de autoria de Souza (2016), intitulada *Afirmações e silenciamentos sobre a temática racial no ENEM*, apresenta como objeto de estudo refletir sobre as enunciações da temática racial nos textos do Exame

Nacional do Ensino Médio/ENEM, na perspectiva da educação para as relações raciais. A dissertação nos interessou de início pelo seu título, pois o termo silenciamentos nos remete à formação discursiva, a de que existem processos de silenciamento da temática racial no ENEM.

Os questionamentos a serem alcançados na pesquisa foram: como esse exame de larga escala tem colaborado para a visibilidade da causa negra no Brasil? Ele tem sido um texto de intensivo combate às desigualdades raciais? Essa política pública avaliativa tem levado em consideração a necessidade de descolonização dos sentidos sobre a nossa história? Como tem referido a herança negra em seus textos? Para responder a tais questionamentos o autor utilizou as teorizações do filósofo Jacques Derrida, principalmente nas proposições sobre desconstrução e iterabilidade e performatividade. Ressalto que esta pesquisa se aproxima da nossa no sentido de que se volta para a abordagem da temática referida no ENEM, na perspectiva de refletir acerca dos sentidos que esta abordagem pode propiciar.

O autor conclui a pesquisa afirmando que o texto do ENEM contesta de forma reduzida as desigualdades raciais prevalentes no país, geralmente promove uma abordagem ambivalente e/ou repetida das narrativas predominantes na sociedade, tendem a negativizar a identificação negra e a enunciar o continente africano apenas em seus vínculos com o colonialismo.

Finalizada esta revisão, pontuamos as seguintes considerações: é perceptível nas pesquisas a preocupação dos autores com a abordagem feita pelo exame das temáticas elencadas, constatamos que a presença das temáticas no exame quando analisadas à luz dos pressupostos da linguagem busca cumprir com discussões atuais e sociais, colocando em questão formações ideológicas semelhantes, como foi notado em relação às mulheres na pesquisa de Vicente (2018) e em relação à raça na pesquisa de Souza (2016).

Desta revisão podemos realizar algumas inferências importantes para nosso estudo, a saber: mais mulheres estudam e pesquisam a temática, todas as pesquisas abordadas nesta investigação foram realizadas em instituições federais, nenhuma realizada no estado da Bahia ou região Nordeste, sendo todas na região Sudeste, nas universidades Federal do Rio de Janeiro, Souza (2016), Federal de Uberlândia, Lacerda (2017) e Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, Vicente (2018).

Apesar de utilizarem métodos semelhantes a pesquisa bibliográfica e documental, este estudo se mostra diferente dos demais ao escolher singularmente a

interseccionalidade, abordando gênero, sexualidades e raça/cor. Apesar de considerarmos significativos os estudos para o tema e para a área, ao optar por uma das categorias esvazia-se a potência interseccional de uma discussão de gênero, ou de sexualidade ou de raça/cor. Diferencia-se também por estar sendo elaborado em uma universidade do Estado da Bahia, no território de identidade do Piemonte da Diamantina.

Além disso, a revisão sistemática realizada nos faz conhecer os resultados de outras pesquisas realizadas para que ampliemos e aprofundemos a temática em questão, também passamos a conhecer em quais regiões estão mais localizados, onde estão as carências, além de auxiliar outros pesquisadores com os resultados aqui já sistematizados de modo a avançar para outros recortes temporais, outros aprofundamentos que contribuam para a área educacional. Por fim, contribui para dar circularidade e visibilidade a outras pesquisas já realizadas de modo a ampliar estudos com diferentes enfoques ao mesmo tema, a exemplo deste estudo que se traduz numa perspectiva interseccional, na Bahia, no território de identidade do Piemonte da Diamantina, apontando deste modo para sua singularidade, especificidade e contribuição para a área educacional, uma vez que incorpora outros aspectos, conforme já mencionados.

No próximo capítulo abordamos as categorias teóricas basilares deste estudo. Interseccionalidade, gênero, sexualidades e raça/cor.

## 2. INTERSECCIONALIDADE: DIÁLOGOS INICIAIS, CATEGÓRIAS TEÓRICAS ENTRELAÇADAS

Uma outra epistemologia do mundo talvez seja possível a partir de nossa disposição para a interseccionalidade como um modo de problematizar o que nos faz humanos ou não - tomando como plano privilegiado a Educação como espaço-tempo-política de subjetivação. (POCAHY, 2011, p. 13)

Iniciamos este item com a epígrafe de Altair PocaHY pelo convite que o autor nos lança por estarmos no campo da educação, utilizando o conceito de interseccionalidade como um conceito fecundo para problematizar as categorias que são utilizadas em nosso estudo, como possibilidade de análise dos discursos veiculados no *corpus* da pesquisa- provas da área de linguagens do Enem.

A interseccionalidade “surge da crítica feminista negra às leis de antidiscriminação subscrita às vítimas do racismo patriarcal. Como conceito da teoria crítica de raça, foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw”. (AKOTIRENE, 2018, p.13). Neste sentido, estudiosos do campo do feminismo e dos estudos de gênero ao pesquisar e discutir as origens e teorias assumem a interseccionalidade advinda das tensões próprias dos feminismos (BILGE, 2009; VIGOYA, 2008; PISCITELLI, 2008; DORLIN, 2005).

A maior parte dessas pesquisadoras tomam a interseccionalidade como uma das principais contribuições teóricas para os estudos feministas, constituída como uma das perspectivas da terceira onda do feminismo, que possui ainda, as abordagens pós-estruturalistas e pós-modernas, a teoria feminista pós-colonial e as demandas das novas gerações feministas. (BILGE,2009).

A interseccionalidade diz da necessidade de não nos olharmos e nos entendermos a partir de uma única identidade, problematizando as identidades a partir da concepção das diferenças, pois nela o foco é compreender como os vários marcadores de raça, cor, gênero, sexualidade, classe contribuem na manutenção das opressões vividas pelas mulheres negras, de acordo com Crenshaw *apud* Akotirene, 2018:

Permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias além do fracasso do feminismo em contemplar as mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente o movimento negro falha pelo caráter machista. (CRENSHAW *apud* AKOTIRENE, 2018, p.14).

É justamente nesta fronteira em que a interseccionalidade é compreendida como ferramenta analítica, pois é nesse cruzamento de opressões, que a mulher não branca experimenta, que ela surge para oferecer esse suporte analítico, rejeitando olhar para cada opressão de forma separada.

Considerando a interseccionalidade como categoria de análise Bilge, 2009 aponta:

Interseccionalidade refere-se a uma teoria transdisciplinar que visa compreender a complexidade das identidades e desigualdades sociais por meio de uma *abordagem integrada*. Ela refuta a compartimentalização e priorização dos principais eixos de diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnia, idade, deficiência e orientação sexual. A abordagem intersetorial vai além de um simples reconhecimento da multiplicidade de sistemas de opressão que operam a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e reprodução das desigualdades sociais. (BILGE, 2009, p. 70)

Dentro dessa rede de conhecimentos e fontes, encontramos a Declaração do *The Combahee River Collective Statement*, coletivo norte americano, cujo nome fora retirado da ação *Combahee River*, que foi a única da Guerra Americana planejada por uma mulher, Harriet Tubman. A declaração do coletivo nos apresenta a razão de existir, sua organização e suas lutas:

Nós somos um coletivo de feministas negras que têm se reunido desde 1974. [1] Durante esse tempo, estivemos envolvidas no processo de definir e clarificar a nossa política e, ao mesmo tempo, fazer trabalho político no nosso próprio grupo e em coalizão com outras organizações e movimentos progressistas. A declaração mais geral sobre a nossa política atual seria que estamos comprometidas ativamente na luta contra a opressão racial, sexual, heterossexual, e de classe, e que vemos como a nossa tarefa particular o desenvolvimento de uma análise e de uma prática integradas, baseadas no fato de que os grandes sistemas de opressão são interligados. A síntese dessas opressões cria as condições das nossas vidas. Como mulheres negras, vemos o feminismo negro como o movimento político lógico para combater as opressões multifacetadas e simultâneas que todas as mulheres não-brancas enfrentam.

Diante da declaração nos cabe apontar que a interseccionalidade se apresenta dentro deste coletivo mesmo não estando conceituada, pois é visível que o coletivo tomava como prática a luta centrada no combate as opressões de gênero, raça, classe e sexualidade, reconhecendo que tais sistemas se encontram interligados. O coletivo foi dissolvido em 1980, pois sua organização não muito formal estava focada no grupo

---

<sup>1</sup> Esta declaração data de 1977.

de estudos e na participação nas lutas. Assim, as militantes acabaram indo para outros movimentos em que já estavam ativas.

Compreendemos, pois, que a relevância de analisar à luz da problemática interseccional as categorias que elencamos: gênero, sexualidade e raça/cor dá-se porque ela [interseccionalidade] “permite criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça” (AKOTIRENE, 2018, p,33) e ainda para compreender como essas categorias se articulam considerando neste bojo o que postula Piscitelli (2008):

A proposta de trabalho com essas categorias é oferecer ferramentas analíticas para aprender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. É importante destacar que já não se trata de diferença sexual, nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença em sentido amplo. (PISCITELLI, 2008, p. 266)

Por esse motivo, é que este estudo elenca como categorias teóricas para a análise do *corpus* da pesquisa, gênero, sexualidades e raça/cor, pois reconhecemos nestas três categorias relevância para compreender a manutenção, reprodução e/ ou o rompimento dos discursos pré-concebidos, os já ditos, acerca de relações sociais de poder que se imbricam e se relacionam no entrelace de gênero, sexualidades e raça/cor, mantendo ou rompendo com padrões que são responsáveis por oprimir e marginalizar as expressões de ser e estar no mundo de pessoas que não se adequam aos padrões impostos socialmente. Além disso, como nos aponta Ana Lúcia Silva e Teixeira Filho (2017),

[...] As desigualdades ainda persistem de modo estrutural quando cruzamos gênero com outros marcadores sociais, como geração e raça/etnia, ratificando que não se pode empreender esforços para uma educação básica de qualidade social, sem o olhar interseccionalizado, sob pena de continuarmos esvaziando a luta e as estratégias de combate aos diversos tipos de discriminação que se estruturam na base educacional. (SILVA, 2017, p.354)

Nesta perspectiva argumentativa dialogamos com a autora por considerar que as categorias que sustentam este estudo, são estruturantes e tendem a nos colocar ante ao desafio de observar e compreender como a intersecção desses marcadores suscitam opressões que se apresentam no meio educacional e demais esferas sociais, para que nossos olhares interseccionalizados consigam empreender atitudes

e práticas no intento de construir cenários inclusivos pautados no respeito à diversidade e na valorização das identidades do outro.

As próximas seções trazem discussões sobre as demais categorias de análise elencadas no presente estudo.

## **2.1 Gênero: mulheres em luta, conceito em movimento**

Os debates de gênero impulsionados pelas lutas feministas encontraram campo vasto na produção de conhecimentos acerca das relações de poder. A mulher, e o feminino, têm sido objeto de estudo para pensar a sociedade, as relações e as rupturas e/ou manutenção de padrões, haja vista que o reconhecimento da mulher na esfera pública e sobremaneira em profissões historicamente desempenhadas por homens, ainda é uma luta constante. Neste sentido, Amorim, amplia esta compreensão acerca da jornada de trabalho e seus desdobramentos na luta feminista.

O movimento feminista primeiro buscava a garantia de direitos iguais aos homens: trabalhar, jornada de trabalho menor, liberdade sexual, entre outros. Passada a euforia de todas as conquistas, a mulher ainda não obteve êxito no reconhecimento social e financeiro, obviamente há exceções. Infelizmente, de maneira geral a mulher ainda é vista com desconfiança no exercício profissional. (AMORIM, 2011, p. 1-2)

Toda a luta das mulheres por igualdade, reconhecimento e lugar de fala, desvela-se na busca pela deslegitimação de discursos que tomam o masculino como central, supremo nas relações sociais e de poder. Assim, Simmel (2006) aponta que o significado cultural, objetivo do movimento das mulheres está no fato de que elas preenchem formas de existência até então reservadas aos homens.

Na década de 1980, a historiadora Joan Wallach Scott, publica o artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, o qual segundo Martins (2016), “atravessará a maioria das pesquisas acadêmicas que se propõem a pesquisar essa temática”, Joan Wallach Scott, assim definiu gênero:

O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. (SCOTT, 1995, p. 86)

Assim, compreendemos que gênero se estabelece como um dos marcadores que primeiro constitui e implica nas relações de poder, em um contexto que as mudanças sociais estão sujeitas às relações de poder que daí demandam.

Os debates atuais, as contribuições pós-críticas e pós-estruturalistas buscam romper com o binarismo homem-mulher referente a noção de gênero. Atualmente a palavra gênero carrega consigo uma carga semântica estigmatizada por movimentos sociais conservadores, justamente por essas rupturas, pois como aponta o documento intitulado *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos (2007)*, o conceito de gênero atualmente “se contrapõe a concepções essencialistas e naturalizantes, presos a distinções de caráter biológico que excluem as razões sociais e históricas das diferenças entre homens e mulheres”. (BRASIL, 2007).

É exatamente nesta esteira conceitual que nosso trabalho investigativo se ancora, pois compreendemos que é necessário abarcar as novas concretudes com que o gênero tem sido performado, para que haja a superação e o rompimento de estruturas binárias, heteronormativas e excludentes. Ressaltamos que só será possível tal empreitada, ao problematizar como e porque as expressões de gênero são responsáveis por desafiar tais padrões, assumindo que os sujeitos escapam à norma binarista, são os sujeitos responsáveis por movimentar os cenários em que o gênero se apresenta como marcador social da identidade e da diferença.

Este rompimento seria realizado, considerando que atualmente a amplitude do conceito de gênero se transformou graças às novas concepções que abarcam transexuais, travestis, *crossdressers*, transgêneros, cisgêneros entre outros, será fundamental para problematizar o rompimento com os binarismos. Assim, Louro, (2004) aponta:

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio hoje parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver. (LOURO, 2004, p. 28-29).

É então desse desafio que este estudo tem sua inspiração maior, pois são nessas fronteiras e ambiguidades que as relações que nos interessam se apresentam

no que diz respeito ao que é aceitável ou não, correto ou errado, adequado ou inadequado. Portanto, ao analisarmos os discursos contidos nas questões das provas do Enem, com a abordagem de gênero, objetivamos compreender como o conceito de gênero está sendo compreendido e apresentado nas avaliações, a fim de contribuir intelectualmente para a erradicação das diversas formas de discriminação, como já explicitado num dos objetivos específicos deste estudo.

## **2.2 Sexualidades: representações múltiplas tecidas nas diferenciações**

A sexualidade como campo de conhecimento constitui também uma conquista decorrente dos movimentos sexuais pela estreita relação sexo-gênero-sexualidade.

A relação sexo-gênero-sexualidade encontra-se imbricada em uma rede de construção de sentidos e relações de poder, pois não é possível concebermos relações humanas fora das relações de poder, o saber já carrega em si poder e este marca práticas e discursos. É então por considerar essa relação que se chega à problemática da heteronormatividade, essa que decorrente dos discursos e relações de poder impõe-se padrão, regulação normalizadora, que produz identidades sexuais e de gênero costuma estar articulada a crenças naturalizantes, que associam de modo binário, identidades e diferentes formas de expressão do desejo sexual (BUTLER, 2003).

Em seu livro *História da sexualidade: a vontade de saber*, Foucault (1988) nos revela como a sexualidade foi sendo tomada para o campo do proibido, do indecente, observando que “as práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce”, assim ele nos mostra um cenário em desacordo com o retrato atual da sexualidade em nossa civilização ocidental e continua tecendo o panorama, “gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. (FOUCAULT, 1988)

Compreendemos, pois um cenário em desacordo com os dias atuais, uma vez que estamos inseridos em um cenário onde a sexualidade é tomada como algo a ser escondido, a não ser tratado, o que nos remete às recentes polêmicas suscitadas pelo projeto *Escola sem Partido* e a retiradas das questões de gênero e sexualidade dos planos nacional, estaduais e municipais de educação. Toda esta vigilância dos corpos

e das expressões da sexualidade são fatores que estigmatizam e criam sistemas de opressão sinalizados pela presença do machismo e da homolesbotransfobia.

As construções de identidades e expressões de gênero e sexualidade são também estigmatizadas em função da forte presença da heteronormatividade como mecanismo de policiamento, controle e censura (BRASIL, 2007). Sabemos que a orientação sexual se refere à direção ou à inclinação do desejo afetivo e erótico. De maneira simplificada, pode-se afirmar que esse desejo, ao direcionar-se, pode ter como único ou principal objeto pessoas do sexo oposto (heterossexualidades), pessoas do mesmo sexo (homossexualidades) ou de ambos os sexos (bissexualidades) (JESUS et al., 2006, p.46).

Escolhemos tratar todas no plural, (BRASIL, 2007), pois compreende-se que são inúmeras e dinâmicas as formas de expressão e representação. Então a noção de orientação sexual contribui para reclamar uma visão menos heteronormativa e binarista das expressões da sexualidade, como é apontado em (BRASIL, 2007)

O termo orientação sexual veio substituir a noção de opção sexual, pois o objeto do desejo sexual não é uma opção ou escolha consciente da pessoa, uma vez que é resultado de um processo profundo, contraditório e extremamente complexo de constituição, no decorrer do qual cada indivíduo é levado a lidar com uma infinidade de fatores sociais, vivenciando-os, interpretando-os, (re) produzindo e alterando significados e representações, a partir de sua inserção e trajetória social específica. (BRASIL, 2007, p. 17)

Problematizar como as expressões da sexualidade são apresentadas nos entremeios das relações sociais e de poder, convém também considerar que devido a multiplicidade e variação da sexualidade não se pode afirmar que haja alguma mais natural ou normal do que outra, pior, melhor, superior ou inferior (SOUSA FILHO, 2003). Neste estudo nosso objetivo é compreender como a sexualidade e demais categorias de gênero, raça/cor estão apresentadas nas avaliações do Enem na área de linguagens, a fim de identificar até que ponto a presença ou não dessas questões, contribui na manutenção dos discursos pré-concebidos que impõem lugares aos sujeitos que se expressam em suas sexualidades, seu gênero e sua raça/cor fora dos padrões que oprimem, vigiam e subjugam os sujeitos.

Na seção seguinte trataremos da categoria raça/cor de modo objetivo, considerando que a mesma é estruturante para nosso estudo, sendo observada de forma interseccional, porém, por razões didáticas e para fluidez na compreensão de cada uma delas, considerando também os autores escolhidos para o debate,

apresentamos cada uma separadamente, visando dialogar de modo articulado e transversal entre ambas.

### **2.3 Raça/cor: autorreconhecimento e autoaceitação como resistência e luta**

O Brasil é um país de população majoritariamente negra, e tem a presença marcante da negritude em sua história desde a era colonial, quando os africanos foram escravizados, até os dias atuais. Exemplo disso é que somente em 2010, com a inclusão dos conceitos de raça e cor no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi conhecido que a população preta e parda autodeclarada constituem 52,3% da população. Este dado por si só já revela os desafios dos estudos e pesquisas acerca da temática e suas implicações para o reconhecimento do negro nas mais diversas classes sociais, assim como no mercado de trabalho, na academia etc. como sujeitos de direito, produtores de conhecimento

O conceito de raça é usado socialmente para problematizar as questões díspares entre pessoas brancas e não brancas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura-Afro e Africana, conceituam raça como:

A construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. (BRASIL, 2004, p. 13)

Essas tensões decorrentes da raça/cor da pele, responsáveis por caracterizar o racismo, dentro da sua dominância no que tange à opressão sofrida por pessoas negras e não brancas atribuem discursos de que há superioridade entre as raças ainda que de maneira velada. “No contexto nacional predomina a classificação pelas marcas fenotípicas que incluem tom da pele, tipo de cabelo, formato dos lábios e do nariz, entre outras”. (CECCHETTO, F. *et.al*, 2010, p.138). Essas características são muitas vezes marcadoras da presença de situações de racismo cotidianas, enfrentadas por pessoas negras das mais variadas idades e de estratos sociais.

Os embates que são travados em relação a raça/cor de pele perpassam até mesmo os espaços onde crer-se mais democráticos, mesmo em ambientes como a escola e a universidade carregam consigo uma história de invisibilização e negação das negritudes e suas expressividades. Antônio José de Souza (2016) ao tratar da identidade e cultura afro-brasileira na docência em sua dissertação de mestrado nos provoca para essas práticas que passam/passaram de forma invisível aos nossos olhos:

A educação brasileira acumulou uma dívida altíssima em relação à população negra e aos conhecimentos que são transmitidos nas escolas, no tocante aos acervos culturais, sociais e religiosos, entre outros, relacionados aos povos negros. Afinal essa raça sempre esteve atrelada a sinônimos negativos que corroboraram com a afinidade do/ a negro/ a aos infortúnios. (SOUZA, 2016, p. 65)

Observa-se então que o racismo é arraigado em nós e em nossas instituições, e à escola, tendo como missão a formação de cidadãos, compete também a formação dos valores, mas que nesse cenário de invisibilização e negação influencia nossos discursos, ao observá-la como ambiente propício a legitimar tais ações racistas, ao mesmo tempo em que é nela que poderemos (des)construir estereótipos e discursos discriminatórios e preconceituosos, tendo os traços fenotípicos como marcadores desses discursos, pois como aprendemos com o mestre Paulo Freire a escola não apenas reproduz discursos e conhecimento, ela também produz, tornando-se um “cabo-de-guerra” numa disputa entre o instituído e o instituinte, entre o cru e o cozido (2000). Ressaltamos que para Freire este saber é inevitavelmente político, sua episteme é constituída histórica e socialmente, implicado com a classe popular, como meninos e meninas que com seus marcadores de gênero, raça e classe social, se expressam na vida e na escola como sujeitos sociohistóricos concretos.

Esta é a escola pela qual lutamos e compreendemos ser necessária a todos e todas, realizando de modo significativo sua função social. De acordo com Paulo Freire, como aquele que: [...] “Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade.” (2000, p. 44) e do outro que eles e elas não esqueçam quem são, de onde vêm, suas raízes culturais, étnicas e sociais, aprendendo a valorizá-las cada vez mais e mais profundamente, a fim de estabelecer com o outro relações de respeito e igualdade e não de submissão e cópia das culturas diferentes das suas. São para estas meninas

e meninos, jovens da classe trabalhadora, que nossa luta precisa se solidificar, a fim de que possam encontrar na educação um dos instrumentos de empoderamento e de combate aos preconceitos, sobretudo os que envolvem as questões de gênero, raça e sexualidade.

Faz-se necessário, pois, encontrar caminhos para a construção de ações novas que incluam, respeitem e representem as negritudes. Considera-se também o papel que a história e a educação tiveram na produção das desigualdades de raça/cor de pele no Brasil, e que foi pelas lutas e organização que eles conquistaram seus direitos, ainda como nos aponta Souza:

Estes/estas não fazendo parte do universo letrado não se resignaram com a exclusão que lhes foi imposta, organizando movimentos de luta e resistência, ao longo da história. Os negros conquistaram o direito ao trabalho livre, o direito ao livre culto de suas religiões, o direito de constituir família, de viver fora de tutelas. A luta, contudo, assentou-se pelo viés da autoafirmação e da honra de ser negro/a. (SOUZA, 2016, p. 66)

Assim sendo, seria correto afirmar, que a organização, o autoreconhecimento e autoaceitação foram e são as forças motrizes para que a superação das desigualdades de raça e do racismo começasse a acontecer, para que negros e negras fossem vistos e ouvidos.

Compreender a escola dos dias atuais como cenário importante de transformações e de enfrentamento às desigualdades nos convida a considerar os desafios de uma sociedade ainda acostumada com as desigualdades, com o racismo estrutural, que de forma despercebida é responsável por legitimar práticas e discursos excludentes e invisíveis, currículos não contemplativos das questões étnico/raciais e cenários políticos que demonizam o papel da escola e de práticas inclusivas e humanitárias.

Assim, frente a essas implicações, diante do racismo, das questões étnico raciais, da interseccionalidade de raça/cor com os demais marcadores, nosso estudo buscou identificar como se apresenta ou não a temática nas questões do ENEM, considerando que nossas análises das questões foram realizadas a partir das inspirações dos estudos de linguagem da Análise do Discurso de filiação francesa (AD) objetivando identificar os efeitos de sentido e suas construções acerca do negro através de estereótipos, os quais legitimam certos discursos como verdades foi

fundamental para compreendermos como essas formas de opressão interseccionalizadas operam mecanismos naturalizadores das desigualdades.

Trataremos na seção seguinte o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – como mecanismo de avaliação dos estudantes do ensino médio no Brasil, apresentando suas características, percurso histórico e sua importância ao nosso estudo.

### **3. EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO – ENEM: IMPLEMENTAÇÃO E MUDANÇAS NO ATUAL CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO**

O Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – foi criado em 1998 no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. A cargo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, formulado a partir de matrizes definidas, que inicialmente estabeleciam como objetivos avaliar os alunos concluintes do ensino médio, investigar se as competências e habilidades cumpriam com o papel de preparar os estudantes para o mercado de trabalho. Facultativo e pago, o exame não conseguiu grande adesão em seus primeiros anos.

Em 2001 o Ministério da Educação – MEC – conseguiu viabilizar o ENEM como uma forma parcial ou total de ingresso no ensino superior, convencendo faculdades e universidades para que o exame fosse gratuito para estudantes egressos das escolas públicas. Desde então o exame ganhou visibilidade perante a sociedade uma vez que seus resultados funcionam como diagnóstico do ensino praticado, mensuram também o perfil dos estudantes desta etapa do ensino de forma unificada nacionalmente.

Em 2009, penúltimo ano do governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), o Ministério da Educação então sob o comando do ex-ministro Fernando Haddad passa por uma reforma em sua estrutura. O exame que até 2008 era composto por uma prova clássica com 63 questões interdisciplinares, sem articulação direta com os conteúdos ministrados no ensino médio e sem a possibilidade de comparação das notas de um ano para outro, passou a ser composto por 180 questões objetivas divididas por quatro áreas de conhecimento: Linguagens, códigos e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias e Ciências da Natureza e suas tecnologias, além da prova de redação.

A partir da edição de 2009 outras mudanças ocorrem em que pese o papel do exame, pois o Novo ENEM como ficou conhecido à época, passou a ter como objetivo possibilitar o ingresso dos participantes no Ensino Superior das Instituições Federais pelo Sistema de Seleção Unificada – SiSu, e, no ano seguinte, também o ingresso ao Programa Universidade Para Todos – ProUni com a oferta de bolsas integrais e parciais nas universidades particulares, o exame também é utilizado como requisito para solicitação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES neste último, o candidato precisa ter participado de qualquer edição a partir de 2010.

As mudanças também foram ampliadas para outros quesitos e itens referentes ao exame. As competências comuns passaram a ser denominadas como “eixos cognitivos”. Estes eixos listados e detalhados no anexo 1, diz das capacidades que os estudantes necessitam mobilizar para resolver os problemas.

Em 2016, no governo interino do ex-presidente Michel Temer, pós *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff o ENEM passa então por outra mudança, a partir da edição 2017 o exame não teria mais como um de seus papéis, a certificação do ensino médio, sendo criado assim o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos – Encceja, assumindo assim, tal função.

Para além das mudanças já realizadas, o atual governo anunciou novas mudanças no ENEM. Em 2020 o exame terá uma versão digital em 15 capitais do país. “O MEC informou que no ano que vem 50 mil candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio farão a prova na versão digital. A mudança faz parte de um projeto que deverá ser concluído em 2026, quando 100% das provas serão online” Santos, (2019). Um dos principais argumentos é o de tornar o exame mais ágil e econômico.

No momento de inscrição o candidato poderá escolher se quer responder a prova impressa ou digital, ressaltando que a segunda terá limite de 50 mil vagas no primeiro ano, a prova digital será realizada em outubro e a impressa continuará em novembro, o candidato que tiver problemas na versão digital poderá realizar a prova impressa em dezembro, todas as três versões terão questões diferentes.

Observamos o cenário destas mudanças anunciadas com preocupação, uma vez que “mais de um terço (39%) dos domicílios brasileiros ainda não tem nenhuma forma de acesso à internet. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2017” (MELLO, 2018), é necessário atentar-se também à disparidade de acesso à internet considerando a renda. “O índice de residências sem acesso é ainda maior nas classes D e E: 70%. Na classe A, 99% dos domicílios têm alguma forma de acesso, na classe B, 93% e na classe C, 69%” (MELLO, 2018)

Em relação ao cenário escolar é preciso ponderar que “de acordo com o Censo Escolar 2018, 82% das escolas públicas de ensino médio regular têm laboratório de informática e 94%, acesso à internet” (TOKARNIA, 2019), mas que nem sempre este equipamento é suficiente para atender à demanda, também faz-se necessário apontar a escassez de formação adequada para professores com vistas a inserir adequadamente as tecnologias nas aulas e no momento de aplicação do exame.

Os dados revelam assim, um cenário desafiador nesta empreitada de um ENEM digital, por considerarmos que o mesmo se configura como uma política democrática de ingresso no ensino superior, acreditamos que se o exame for implementado na forma digital no cenário atual em que encontramos escolas com computadores defasados, pouco acesso à internet e pouco professores capacitados de modo a dominar a tecnologia, o exame corre o risco de declinar de sua função principal e acabar por excluir alunos-candidatos da avaliação e ingresso no ensino superior, sobretudo os das classes trabalhadoras, menos favorecidas, o que pode acarretar também uma grande perda nas políticas públicas de permanência na universidade, tendo em vista que o exame tem influenciado na implantação e fortalecimento de muitas dessas políticas sociais que vinham ao longo destes últimos dez anos diminuindo as desigualdades sociais e ampliando o acesso de jovens negros, pobres e periféricos ao ensino superior.

É relevante apresentarmos aqui, que segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015 apenas 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegaram ao nível superior, um aumento considerável ainda aquém das expectativas, mas um salto em relação a 2005, quando apenas 5,5% desses sujeitos estavam inseridos no ensino superior.

Deste modo, os dados apresentados já explicitam os desafios e lutas que deverão ser empreitadas pela sociedade civil organizada diante das mudanças anunciadas, haja vista que quando se trata da Educação Básica a situação é ainda mais dramática, conforme aponta a pesquisa *TIC educação 2014*, cujo texto síntese foi publicado no Jornal A Tarde, 2015, em matéria intitulada, *Escola sem conexão*, registra que 59% dos estudantes de instituições públicas não utilizavam a internet em atividades escolares durante as aulas.

A razão é que as instituições não possuem banda larga na conexão oferecida aos estudantes, o que atravanca o uso da *web sem fio nas escolas*. O que em alguns países já é realidade de oferta em torno dos 100 mbps, as escolas brasileiras estão ainda com a marca de 2 mbps em unidades escolares com até mil alunos. A exclusão digital é um dado de realidade na educação brasileira e um dos desafios deste século a ser superado.

### 3.1 A Análise do Discurso: operando com a linguagem nas provas do Enem

A análise do discurso aparece como uma das “muitas maneiras de se estudar a linguagem” (ORLANDI, 2009, p. 15), “A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”. Os dois conceitos principais de que trata a Análise do discurso são discurso e texto, enquanto o primeiro diz respeito à prática social da produção de textos, o segundo é o produto desta prática discursiva dispositivo onde o analista debruça-se a investigar, analisar cientificamente.

A análise de discurso francesa, a qual também conhecemos como AD, abarca conhecimentos das áreas da linguística, do marxismo e da psicanálise, as quais são questionadas e sofrem as intervenções da AD. Os pressupostos da AD surgiram no final dos anos 1960 e se distinguiram dos pressupostos das linhas da análise de discurso já existentes na Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Michel Pêcheux foi o responsável por estudar e difundir tais pressupostos ao escrever suas teses de 1966 a 1983, na tentativa de estabelecer o conceito de *discurso*, época em que dialogou com vários estudiosos e pensadores ativos na época, a exemplo de Michael Foucault, Jacques Lacan, Louis Althusser entre outros.

O nascimento da AD atrela-se a uma proposta de intervenção política que "aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica", Gadet (1993, p. 8) assim, entre os seus objetivos estavam/estão o combate ao formalismo linguístico e a automatização presente na relação com a linguagem, pois fazia-se necessário que a ilusão de que existe uma neutralidade na língua e que os sujeitos são as fontes de seus discursos e sentidos, fosse tensionada.

Na AD, todo discurso é uma construção social sobre a qual refletem as visões de mundo de seus autores e das sociedades onde são produzidos, sendo assim só é possível a investigação se considerar o contexto histórico-social e as condições em que foram produzidos.

Destarte não é trabalhada na AD a língua focada nela mesma, nem com a história e a sociedade como se elas fossem independentes. Orlandi (2009). Considera-se que de certa forma a linguagem se materializa na ideologia e que a ideologia se manifesta na língua (ORLANDI, 2009). Sendo a materialidade da ideologia o discurso e a materialidade do discurso a língua, é necessário que se investigue a relação estabelecida entre língua-discurso-ideologia, pois como diz

Pêcheux *apud* Orlandi (2009, p.17) “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.”

Ao postular isto, afirmamos que acionamos os gestos de interpretação na análise das questões do ENEM para compreender como são produzidos sentidos de acordo com os objetos simbólicos, ou seja, os enunciados, textos, imagens etc. Trabalhamos então à luz dos conceitos de Formação Discursiva (FD) mais precisamente com a memória discursiva, pois ela constitui-se como “o já dito que se encontra na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” (ORLANDI, 2009).

O acionamento desses conceitos como método e dispositivo de análise se deu pois tomamos a linguagem, o material simbólico presente nas provas de linguagens do ENEM, como nosso objeto de estudo. Desta forma consideramos que a AD não toma a linguagem como simples instrumento de comunicação, mas como um processo de produção dos sentidos. Assim, utilizamos a materialidade da linguagem configurada como dispositivo e as análises feitas utilizando os conceitos elencados como método de análise.

No próximo tópico abordamos os conceitos que nos serviram na construção deste trabalho, os efeitos de sentidos que surgem a partir dos gestos de interpretação, a formação discursiva que estabelece os dizeres de determinados sujeitos em determinadas épocas e lugares e da memória discursiva que caracteriza a memória que um discurso carrega consigo.

### **3.2 Análise do Discurso: dos gestos de interpretação à memória discursiva na materialidade no ENEM**

Na AD os objetos simbólicos que constituem a materialidade do texto são responsáveis pela produção de sentidos e é a partir da análise dos gestos de interpretação que o simbólico intervém no real do sentido. O que se pretende na AD é a compreensão de como um “objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. (ORLANDI, 2009, p. 26). Assim compreendido, é necessário explicar como o texto elabora e organiza os gestos de interpretação que relacionam o sujeito e o sentido produzido. Segundo (PÊCHEUX, 2009, p. 146), “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc.,

não existe em si mesmo”, porque para isso elas dependem das posições ideológicas que se confrontam no processo discursivo.

Outro ponto a que se faz necessário abordar é que, o sentido das palavras depende da Formação discursiva (FD) a que o sujeito está vinculado, de acordo com Orlandi, a formação discursiva, [...] se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2009, p. 43). Destarte, Formação discursiva constitui-se então como os dizeres e silêncios característicos dos sujeitos em determinadas posições, espaço e tempo, pois ela “revela formações ideológicas que a integram” (FERNANDES, 2008, p.39), e também abarca “em seu interior a presença de vários discursos ao que, na Análise do Discurso, denomina-se Interdiscurso” (FERNANDES, 2008, p. 39).

Assim, percebemos que o dizer pode passar a ter um outro sentido a depender da FD onde ele é produzido, então estabelece-se o gesto interpretativo que busca no simbólico os efeitos de sentido que essa FD suscita.

As condições de produção consideram os sujeitos e as circunstâncias, situações que permitem que ocorra a materialização do discurso. Schneider (2015, p. 40) afirma que: “são elas que permitem compreender o contexto de produção, sendo possível relacioná-las com o momento do enunciado e seu contexto sócio-histórico ideológico”.

Dentro dessas condições de produção está o que nos interessa no recorte do nosso estudo, a memória discursiva que (ORLANDI, 2009, p. 31) conceitua como: “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível sustentando cada tomada de palavra” é nela que se identificam as mudanças ocorridas num discurso, os deslocamentos, e as novas significações que um acontecimento adquire através dos novos enunciados que são formados na desestabilização do que é/já foi dito.

Neste sentido as noções da AD tanto no que diz respeito aos gestos de interpretação como na memória discursiva, foram utilizados no nosso estudo de maneira a atender aos objetivos que foram elencados, para responder ao problema de pesquisa quanto a intersecção de gênero, sexualidades, raça/cor na prova de Linguagens do Enem num período de uma década, a fim de percebermos como tem sido abordadas as questões de gênero, sexualidades, raça/cor nas questões de Linguagens do ENEM.

O capítulo seguinte tem como objetivo expor como se deu a construção do *corpus* de análise deste estudo, considerando as fontes, a pesquisa bibliográfica e as noções da AD.

### **3.3 Análise do Discurso como dispositivo de análise: a construção do *corpus* da pesquisa**

Para iniciar este capítulo faz-se necessário ressaltar que, para a AD não existe uma metodologia modelo para os estudos do discurso. Nesta teoria, cada analista lida com a metodologia de forma peculiar, elaborando seu dispositivo de análise. Assim, é necessário ao pesquisador estabelecer critérios para a análise. Para este estudo foi construído na primeira etapa, a fase da pesquisa documental que “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc. (FONSECA, 2002, p. 32). Além de realizar nesta mesma etapa a pesquisa bibliográfica como já apresentado no item da revisão sistemática do tema. No nosso estudo as fontes centrais foram basicamente: documentos oficiais, relatórios de pesquisas com o tema do Enem, pesquisa bibliográfica, com ênfase na revisão sistemática, portal do Ministério da Educação – MEC.

Na segunda da pesquisa foram levantadas as questões da prova de linguagens do Enem entre os anos de 2009 a 2018. Foram lidas todas as questões a fim de identificar e selecionar as que tratavam de gênero, sexualidade e raça/cor. Encontramos um total de 19 questões observando as inserções das categorias de análise elencadas.

As questões elencadas são o que constituem o *corpus* de análise, assim, alguns critérios foram definidos para a constituição do mesmo, além dos já citados, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- I. Configurarem-se como questões interpretativas;
- II. Possuir elementos semióticos (textos verbal e imagético etc.).
- III. Estar no período do recorte temporal estabelecido para a pesquisa.

Ressaltamos que os critérios elencados na construção do *corpus* são passos que devem ser construídos pelo pesquisador observando os objetivos de seu estudo objetivando atendê-los de forma que a análise consiga cumprir o papel de mostrar como aquele discurso funciona, como sua materialidade funciona e ativa os efeitos de sentido, considerando as condições de produção. Acerca deste aspecto, Orlandi pontua:

A construção do corpus e a análise estão extremamente ligadas: decidir o que fazer parte do corpus já é decidir acerca das propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar a sua compreensão. (ORLANDI, 2009, p. 63).

Assim, compreendemos que escolher o *corpus* do nosso estudo foi o primeiro passo na consolidação das nossas análises, assumindo ainda as propriedades discursivas as quais elencamos neste trabalho.

#### 4. ANÁLISES DAS PROVAS DE LINGUAGEM DO ENEM: GÊNERO, SEXUALIDADES E RAÇA/COR INTERSECCIONADAS

Neste capítulo analisaremos as questões da prova do ENEM encontradas nas provas de Linguagens, códigos e suas tecnologias no período compreendido entre 2009 e 2018. Serão analisadas 14 questões das 19, por possuírem maior enfoque nas categorias do interesse deste estudo, a saber, gênero, sexualidades e raça/cor. Além disso as questões escolhidas apresentam maior nível discursivo, o que possibilita uma análise mais interpretativa. Ressaltamos ainda que nos anos 2009, 2011, 2014 e 2016 não foram encontradas questões que tratassem da temática deste estudo, conforme pode ser verificado nos quadros 2 e 3.

**Quadro 2:** Número de questões por ano

2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
0	3	0	2	2	0	1	0	4	7	19

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019)

**Quadro 3:** Número de questões por categorias

Anos	Gênero	Sexualidade	Raça	Intersecção
2009				
2010	2		1	
2011				
2012	2			
2013	1		1	
2014				
2015			1	
2016				
2017	2			2 (gên., raça, classe)
2018	5	1		1 (gên., raça)

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2019)

Desta forma, observaremos a materialidade discursiva (texto verbal e imagético) da questão e da alternativa dada como correta para realizar nossa análise. Seguimos a cronologia de ordem crescente das edições das questões para fazer as nossas análises, exceto quando necessitarmos relacionar uma questão à outra.

Buscaremos responder em quais perspectivas são abordadas as questões de gênero, sexualidades e raça/etnia na prova, se elas suscitam olhares e debates interseccionais e se denunciam ou reforçam comportamentos.

**Figura 1** – Questão 127: a mulher no futebol

<p><b>Questão 127</b></p> <p>Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destrocados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.</p> <p><small>Coluna Pênalti. Carta Capital. 28 abr. 2010.</small></p>		<p>O trecho é parte de uma carta de um cidadão brasileiro, José Fuzeira, encaminhada, em abril de 1940, ao então presidente da República Getúlio Vargas. As opções linguísticas de Fuzeira mostram que seu texto foi elaborado em linguagem</p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ⓐ regional, adequada à troca de informações na situação apresentada.</li> <li>Ⓑ jurídica, exigida pelo tema relacionado ao domínio do futebol.</li> <li>Ⓒ coloquial, considerando-se que ele era um cidadão brasileiro comum.</li> <li>Ⓓ culta, adequando-se ao seu interlocutor e à situação de comunicação.</li> <li>Ⓔ informal, pressupondo o grau de escolaridade de seu interlocutor.</li> </ul>	

**Fonte:** Questão 127 do caderno amarelo, p. 16, 2010. In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A leitura inicial da questão nos permite identificar a materialização do discurso por meio do gênero textual carta, a escolha de termos como Vossa Excelência e senhor presidente denuncia a posição do destinatário. A carta enviada ao presidente da república por um cidadão em tom de protesto, reclama o fato da adesão feminina ao futebol, solicitando uma ação do presidente para que se ponha fim à prática do referido esporte pelas mulheres.

Nosso gesto interpretativo parte de sequências discursivas (SD) que embasarão nossa compreensão de como a memória discursiva é acionada nos discursos presente no simbólico desta questão. Atentemos para a SD “calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil.”, acompanhadas das SD “movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças atraindo as para se tornarem jogadoras de futebol”, “a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas” e “devido à natureza que dispôs a ser mãe”.

Na análise de tais SD percebemos a presença de uma formação discursiva que toma a mulher como sexo frágil para a prática do futebol, sustentam possíveis pré-construídos como: os corpos das mulheres não foram feitos para o esporte futebol, o futebol é um esporte violento para as mulheres devido a fisiologia do seu corpo delicado, as mulheres devem preservar seu corpo não praticando o futebol, o corpo da mulher deve ser resguardado para a maternidade. Considerando as condições de

produção em sentido amplo apontado por (ORLANDI, 2009, p. 30) “incluem o contexto socio-histórico, ideológico”, a FD é percebida através do repetível da paráfrase, acionada pelos dizeres da época, “futebol não é para mulher”, “o corpo da mulher não é adequado à prática do futebol” entre outros.

O tema é retomado novamente em 2018, conforme figura 2, a qual aborda um texto que discute esta problemática numa perspectiva sócio-histórica, discutindo justamente os pré-construídos em relação à prática do futebol pelas mulheres.

**Figura 2** – Questão 43: a mulher no futebol 2

<p><b>QUESTÃO 43</b></p> <p>Encontrando base em argumentos supostamente científicos, o mito do sexo frágil contribuiu historicamente para controlar as práticas corporais desempenhadas pelas mulheres. Na história do Brasil, exatamente na transição entre os séculos XIX e XX, destacam-se os esforços para impedir a participação da mulher no campo das práticas esportivas. As desconfianças em relação à presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de masculinizar o corpo feminino pelo esforço físico intenso. Em relação ao futebol feminino, o mito do sexo frágil atuou como obstáculo ao consolidar a crença de que o esforço físico seria inapropriado para proteger a feminilidade da mulher “normal”. Tal mito sustentou um forte movimento contrário à aceitação do futebol como prática esportiva feminina. Leis e propagandas buscaram desacreditar o futebol, considerando-o inadequado à delicadeza. Na verdade, as mulheres eram consideradas incapazes de se adequar às múltiplas dificuldades do “esporte-rei”.</p> <p>TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino: uma revisão sistemática. <i>Movimento</i>, Porto Alegre, n. 1, 2013 (adaptado).</p>	
<p>No contexto apresentado, a relação entre a prática do futebol e as mulheres é caracterizada por um</p>	
<p><b>A</b> argumento biológico para justificar desigualdades históricas e sociais.</p>	<p><b>B</b> discurso midiático que atua historicamente na desconstrução do mito do sexo frágil.</p>
<p><b>C</b> apelo para a preservação do futebol como uma modalidade praticada apenas pelos homens.</p>	<p><b>D</b> olhar feminista que qualifica o futebol como uma atividade masculinizante para as mulheres.</p>
<p><b>E</b> receio de que sua inserção subverta o “esporte-rei” ao demonstrarem suas capacidades de jogo.</p>	

**Fonte:** Questão 43 do caderno azul, p. 18, 2018 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Tomando a materialidade do fragmento retirado do texto “O preconceito no futebol feminino: uma revisão sistemática” esta questão apresenta de que forma a concepção biológica foi usada para argumentar que esta modalidade não fosse praticada pelas mulheres. Destacam, entre outros elementos: as SD “o mito do sexo frágil contribuiu historicamente para controlar as práticas corporais desempenhadas pelas mulheres”, há aqui um posicionamento ideológico que reconhece que a teoria de que as mulheres seriam mais frágeis trata-se de um mito, além de denunciar que tal mito sustentou formas de opressão ao tentar controlar as atividades corporais das mulheres.

Assim é possível perceber o tom antagônico em que a questão toma em relação à figura 1, nesta os pontos suscitados pelo autor da carta materializada na figura 1

são problematizados, denunciados e podemos constatar nas SD “As desconfianças em relação à presença da mulher no esporte culturalmente associadas ao medo de masculinizar o corpo feminino pelo esforço intenso”, podemos acionar aqui o uso do termo “culturalmente” o qual nos diz do interdiscurso, percebido pelo autor que acionou no momento a memória discursiva dos dizeres e dos pré-construídos da época.

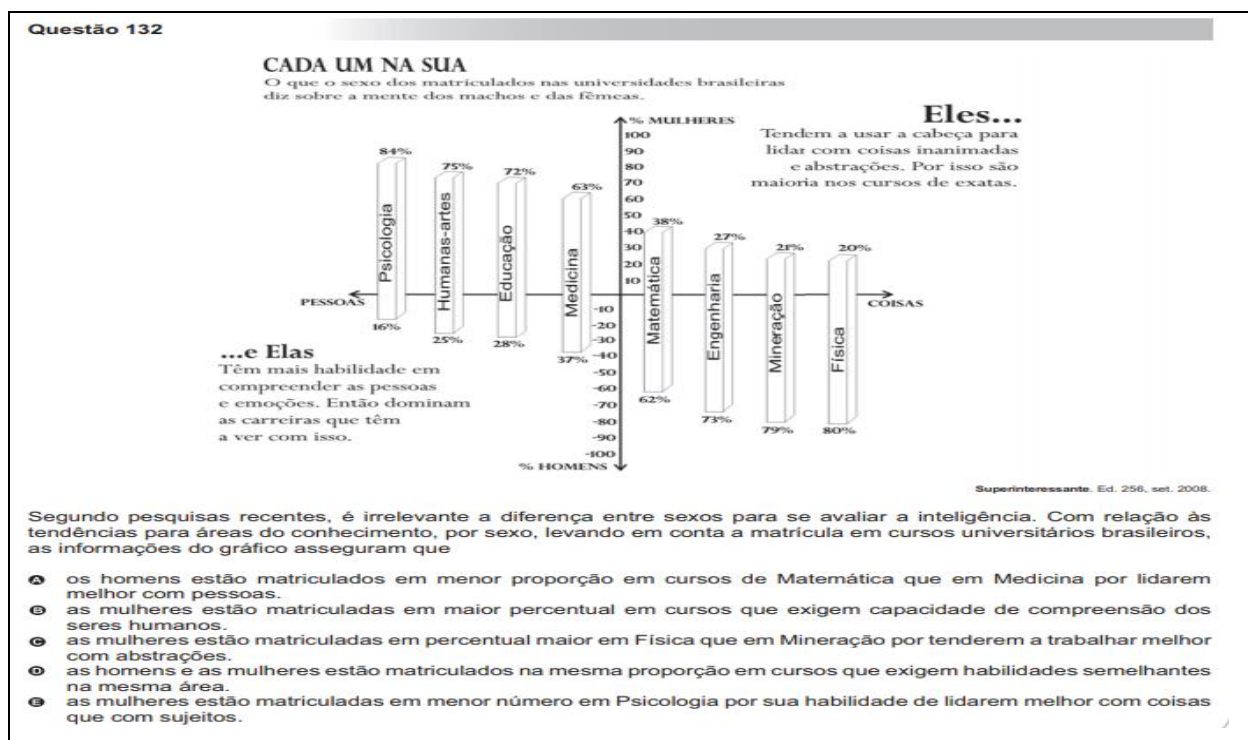
A alternativa que complementa à ordem da questão, letra A confirma as teorias ao trazer que a relação entre a prática do futebol e as mulheres esteve marcada pelo argumento ancorado em um discurso biológico para justificar desigualdades sociais.

Estes discursos e práticas enviesados por uma concepção onde a mulher é tomada como frágil, pois sua função é a reprodução, denunciam as opressões a que as mulheres foram/são submetidas, mostrando como os efeitos de sentido se materializam nos gestos, comportamentos e atitudes de todos e todas em relação ao universo feminino e sua relação com o esporte no Brasil do início do século XX.

Destarte, entendemos e tomamos aqui esta questão como um complemento à questão 127, conforme figura 1.

Trazemos então para análise a imagem 3 - questão 132, do caderno amarelo de 2010.

**Figura 3 – Questão 132: áreas de estudo segundo o gênero**



**Fonte:** Questão 132 do caderno amarelo, p. 18, 2010 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A materialidade da questão nos apresenta o título “CADA UM NA SUA” com a SD “o que o sexo dos matriculados nas universidades brasileiras diz sobre a mente dos machos e fêmeas”, um gráfico em forma de plano cartesiano centralizado com as informações de porcentagem na linha vertical, com o título mulheres na ponta superior e homens na ponta inferior, na linha horizontal temos a descrição dos cursos. Do lado direito as áreas Psicologia, Humanas-artes, Educação, Medicina na ponta direita o termo pessoas e do lado esquerdo as áreas Matemática, Engenharia, Mineração e Física com o termo Coisas na ponta. No lado superior esquerdo encontramos a SD “Eles... tendem a usar a cabeça para lidar com as coisas inanimadas e abstrações. Por isso são maioria nos cursos de exatas” do lado direito inferior encontramos a SD “...e Elas têm mais habilidade em compreender as pessoas e emoções. Então dominam as carreiras que tem a ver com isso”.

Nossa análise parte do título “CADA UM NA SUA” em que atribuímos o sentido de separação dos homens e mulheres por área de estudo/atuação, em que observamos a filiação da FD dos sujeitos que defendem a existência de áreas masculinas e femininas, na SD “o que o sexo dos matriculados nas universidades brasileiras diz sobre a mente dos machos e fêmeas”, percebemos a escolha do discurso biológico denunciado pela utilização dos termos machos e fêmeas. Porém, ao observamos na materialidade imagética, ou seja, no gráfico percebemos a escolha dos termos homens e mulheres, deslocando assim para os termos de uso social.

Percebemos no gráfico que a afirmação da SD “Eles... tendem a usar a cabeça para lidar com as coisas inanimadas e abstrações. Por isso são maioria nos cursos de exatas”, é reafirmada por meio dos dados que nos mostra a porcentagem maior de homens matriculados nas áreas de exatas, ligadas às coisas, e da SD “[...] e Elas têm mais habilidade em compreender as pessoas e emoções. Então dominam as carreiras que tem a ver com isso”. Verificamos, pois, no gráfico, a porcentagem de mulheres matriculadas nos cursos ligados às pessoas em número maior que os homens.

Assim, consideramos que a materialidade do gráfico e as SD que o acompanham recorre aos saberes discursivos que determina as áreas de estudo e atuação dos sujeitos, de acordo com o sexo por predisposições percebidas pelos estudos científicos. Ao passarmos para a ordem da questão nos deparamos com a SD “Segundo pesquisas recentes, é irrelevante a diferença entre os sexos para se avaliar a inteligência”. Esta informação no começo da ordem da questão aciona uma FD controversa à anterior, ao considerar que o sexo não determina a inteligência e

capacidade em determinada área, prosseguindo, a ordem da questão volta-se para o gráfico remetendo às tendências para área do conhecimento por sexo, solicita que o interlocutor considerando as informações do mesmo sobre matrículas nas universidades brasileiras pontuem o que essas informações asseguram. Logo, ao conferir no gabarito oficial temos como assertiva a alternativa B, que constata que “as mulheres estão matriculadas em maior percentual em cursos que exigem maior capacidade de compreensão dos seres humanos.

Nossa análise em relação à categoria gênero nos aponta que os discursos presentes nas questões de linguagens têm despontado nas discussões atuais da temática, vez que esses discursos acionam formações discursivas diversas e antagônicas, que demonstram as transformações sociais que as mulheres têm conseguido, além de apontar dados de pesquisa [fatos e gráfico] para refutar argumentos que historicamente se veicula sobre as mulheres, apontando a inteligência dos homens acima da inteligência feminina. Os objetos simbólicos abordados apresentam questões históricas, que diz da divisão das áreas pelo sexo biológico, o que contribui para a identificação de como esses objetos produzem sentido, pois “a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)” (ORLANDI, 2009, p. 19).

Nesta esteira analítica, abordaremos então a questão 117, do caderno azul de 2012.

**Figura 4** – Questão 117: os papéis destinados aos gêneros

<p><b>QUESTÃO 117</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Das irmãs</b></p> <p>os meus irmãos sujando-se na lama e eis-me aqui cercada de alvura e enxovais</p> <p>eles se provocando e provando do fogo e eu aqui fechada provendo a comida</p> <p>eles se lambuzando e arrotando na mesa e eu a temperada servindo, contida</p> <p>os meus irmãos jogando-se na cama e eis-me afixada por dote e marido</p> <p style="text-align: right; font-size: small;">QUEIROZ, S. <i>O sacro ofício</i>. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.</p>	<p>O poema de Sonia Queiroz apresenta uma voz lírica feminina que contrapõe o estilo de vida do homem ao modelo reservado à mulher. Nessa contraposição, ela conclui que</p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="radio"/> A a mulher deve conservar uma assepsia que a distingue de homens, que podem se jogar na lama.</li> <li><input type="radio"/> B a palavra “fogo” é uma metáfora que remete ao ato de cozinhar, tarefa destinada às mulheres.</li> <li><input type="radio"/> C a luta pela igualdade entre os gêneros depende da ascensão financeira e social das mulheres.</li> <li><input type="radio"/> D a cama, como sua “alvura e enxovais”, é um símbolo da fragilidade feminina no espaço doméstico.</li> <li><input checked="" type="radio"/> E os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais.</li> </ul>
---	---

**Fonte:** Questão 117 do caderno azul, p. 13, 2012 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A materialidade da linguagem é apresentada aqui por meio do poema “Das Irmãs”, um eu-lírico feminino que expressa uma voz comparada ao modo como seus irmãos vivem com o seu estilo de vida, naturalizado para os homens o lugar do público, e para as mulheres do privado, do casamento, dos dotes, enquanto eles, os irmãos saltitam, arrotam à mesa, quebram etiquetas, modos de se portarem e agirem. Elas, sem arrotos, contidas, recatadas no lar, sentadas, com belos e alvos enxovais que sequer amassam, pois se sentam e ali ficam sem se mexerem, nem se sujarem.

A leitura do poema permite ao sujeito leitor acionar gestos interpretativos voltando-se para as convenções sociais que estabelecem dentro de uma determinada FD os comportamentos aceitáveis para as mulheres, no qual o lugar da mulher é dado como o lugar da delicadeza, das atividades do lar, da vaidade e do casamento.

Assim, ao analisarmos como as relações de poder são descritas pelo eu-lírico ao contrapor os comportamentos de seus irmãos com os seus, trazemos as seguintes SD: “ e eis me aqui cercada de enxovais de alvura”, “eu aqui fechada provendo a comida”, “e eu a temperada servindo, contida” e “e eis me afiançada por dote e marido. Estas SD constituem neste gesto interpretativo a fonte para formulação de sentidos, através delas acionamos dentro da memória discursiva os pré-construídos socialmente: a mulher deve ser delicada, deve cuidar da casa, preparar a comida, servir e se resguardar para o casamento, ser delicada e educada, contida e elegantemente sentada, conforme espera-se dos papéis femininos em seus comportamentos servis.

Ao formular tal interpretação nós voltamos para a ordem da questão a qual reflete sobre esse processo de contraposição feito pelo eu-lírico em relação aos papéis reservados aos homens e a mulheres, questionando que conclusão foi formulada. A alternativa E que completa a ordem da questão destacando que “os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais”, assim percebemos a relação de força do exame ante o aluno-avaliado, pois ao analisar outras alternativas presentes na ordem da questão como A, C e D, elas apresentam ditos e não-ditos dos quais o sujeito-leitor pode acionar durante a leitura, dependendo da formação discursiva a qual ele se filia, o que pode direcionar o aluno avaliado para a marcação de uma alternativa incorreta segundo o exame, porém, que faz sentido ao sujeito-leitor, que ressoa em suas crenças e sentidos sobre homens e mulheres.

Passamos agora à questão 132 do mesmo ano, na imagem 5.

**Figura 5** – Questão 132: Lugar de mulher também é na oficina

<p><b>QUESTÃO 132</b></p> <p>Lugar de mulher também é na oficina. Pelo menos nas oficinas dos cursos da área automotiva fornecidos pela Prefeitura, a presença feminina tem aumentado ano a ano. De cinco mulheres matriculadas em 2005, a quantidade saltou para 79 alunas inscritas neste ano nos cursos de mecânica automotiva, eletricidade veicular, injeção eletrônica, repintura e funilaria. A presença feminina nos cursos automotivos da Prefeitura — que são gratuitos — cresceu 1 480% nos últimos sete anos e tem aumentado ano a ano.</p> <p><small>Disponível em: <a href="http://www.correiodeuberlandia.com.br">www.correiodeuberlandia.com.br</a>. Acesso em: 27 fev. 2012 (adaptado).</small></p>	<p>Na produção de um texto, são feitas escolhas referentes a sua estrutura, que possibilitam inferir o objetivo do autor. Nesse sentido, no trecho apresentado, o enunciado “Lugar de mulher também é na oficina” corrobora o objetivo textual de</p> <p><b>A</b> demonstrar que a situação das mulheres mudou na sociedade contemporânea.</p> <p><b>B</b> defender a participação da mulher na sociedade atual.</p> <p><b>C</b> comparar esse enunciado com outro: “lugar de mulher é na cozinha”.</p> <p><b>D</b> criticar a presença de mulheres nas oficinas dos cursos da área automotiva.</p> <p><b>E</b> distorcer o sentido da frase “lugar de mulher é na cozinha”.</p>
--	--

**Fonte:** Questão 132 do caderno azul, p. 18, 2012 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

O texto da questão 132 nos direciona aos saberes e dizeres de uma memória que diz do lugar da mulher, a SD “lugar de mulher também é na oficina” (linha 1) nos remete a outro já dito “lugar de mulher é na cozinha”. Assim, percebemos que a SD busca por construir um discurso antagônico com o segundo dito, o qual filia-se à uma FD machista acionada pelo pré-construído de que o papel da mulher é cozinhar, cuidar dos afazeres domésticos no campo do privado. Percebemos que ao escolher o termo “também” o texto direciona nossa interpretação para uma FD que refuta a anterior, pois aciona o dizer de que as mulheres podem assumir outros papéis, outras profissões além de dona de casa, suscitando que o leitor/a acione neste movimento interpretativo, que o lugar da mulher é onde ela quiser, na oficina mecânica, na engenharia, a fim de apontar as relações assimétricas ainda existentes quanto ao trabalho feminino x masculino. Percebemos então a marca da divisão sexual do trabalho, que conforme aponta Hirata, 2007:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA, 2007, p. 599).

Podemos perceber como as práticas atravessadas por determinadas formações discursivas, criam e regulam os estigmas e opressões que estão implicados dentro das relações sociais, como é o caso dos trabalhos tidos como para o homem, e dos trabalhos tidos para as mulheres.

Ao analisarmos a SD “pelo menos nas oficinas dos cursos da área automotiva oferecidos pela prefeitura” atribuímos um possível sentido que se refere à dificuldade e o preconceito que as mulheres ainda enfrentam para adentrar nesta área de atuação, visto que os saberes discursivos ainda latentes de modo explícito ou implícito na sociedade, remetem ao machismo e ao patriarcado ao relegar os papéis femininos ao lar e à família, ou também à outras formações discursivas que condicionam as áreas de atuação masculina mais voltadas às exatas, engenharias, tecnologias etc. e as áreas femininas como as humanas, magistério, enfermagem, etc.

O uso da expressão “pelo menos”, ao tempo que denuncia essa dificuldade, divulga ao sujeito-leitor que há um local onde as mulheres têm tido espaço.

A materialidade do texto apresenta ainda uma série de dados que informa ao interlocutor a crescente presença feminina nos cursos automotivos, assim com a análise da SD “a presença feminina tem aumentado ano a ano”. Podemos constatar que o argumento presente na mesma, reforça o dizer constituído na SD “lugar de mulher também é na oficina”.

Sobre a ordem da questão é pertinente ressaltar a reflexão feita sobre a materialidade do texto, pois as escolhas referentes ao texto possibilitam ao leitor/a inferir o objetivo do autor, uma pista interpretativa ao interlocutor (aluno-avaliado). Logo após é explicitado como exemplo, a escolha da SD “lugar de mulher também é na cozinha” e questionado ao interlocutor a que objetivo textual corrobora tal escolha, a ordem da questão é fechada com a alternativa A, demonstrando que a situação da mulher mudou na sociedade contemporânea.

**Figura 6** – A mulher no tempo histórico da cantiga de roda: patriarcalismo hierarquia familiar

<p><b>QUESTÃO 09</b></p> <p><b>TEXTO I</b></p> <p>Terezinha de Jesus De uma queda foi ao chão Acudiu três cavalheiros Todos os três de chapéu na mão</p> <p>O primeiro foi seu pai O segundo, seu irmão O terceiro foi aquele A quem Tereza deu a mão</p> <p><small>BATISTA, M. F. B. M.; SANTOS, I. M. F. (Org.). <i>Cancioneiro da Paraíba</i>. João Pessoa: Grafset, 1993 (adaptado).</small></p>	
<p><b>TEXTO II</b></p> <p>Outra interpretação é feita a partir das condições sociais daquele tempo. Para a ama e para a criança para quem cantava a cantiga, a música falava do casamento como um destino natural na vida da mulher, na sociedade brasileira do século XIX, marcada pelo patriarcalismo. A música prepara a moça para o seu destino não apenas inexorável, mas desejável: o casamento, estabelecendo uma hierarquia de obediência (pai, irmão mais velho, marido), de acordo com a época e circunstâncias de sua vida.</p> <p><small>Disponível em: <a href="http://provsjose.blogspot.com.br">http://provsjose.blogspot.com.br</a>. Acesso em: 5 dez. 2012.</small></p>	<p>O comentário do Texto II sobre o Texto I evoca a mobilização da língua oral que, em determinados contextos,</p> <p><b>A</b> assegura a existência de pensamentos contrários à ordem vigente.</p> <p><b>B</b> mantém a heterogeneidade das formas de relações sociais.</p> <p><b>C</b> conserva a influência religiosa sobre certas culturas.</p> <p><b>D</b> preserva a diversidade cultural e comportamental.</p> <p><b>E</b> reforça comportamentos e padrões culturais.</p>

**Fonte:** Questão 09 da prova Azul, p. 6, 2017 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Esta questão parte de dois textos, o Texto I expõe a cantiga popular Terezinha de Jesus e o texto II, um comentário analítico histórico acerca dos significados presentes na cantiga. O texto II contém algumas informações que expõem como a cantiga popular se configurou como meio de expressar as relações de poder em relação ao gênero que se faz presente por meio de sequências discursivas e vocábulos como: “outra interpretação é feita a partir das condições sociais daquele tempo”, “a música falava do casamento como um destino natural na vida da mulher, na sociedade brasileira do século XIX, marcada pelo patriarcalismo”. A “música prepara a moça para seu destino não apenas inexorável, mas desejável: o casamento”, estabelecendo uma hierarquia de obediência (pai, irmão mais velho, marido), de acordo com a época e circunstância de sua vida.

Observamos que o texto de início já se propõe a uma nova forma de interpretar a canção popular ressaltando principalmente as condições sociais da época. Assim o autor demonstra uma percepção que os costumes já não são os mesmos, que se modificaram no decorrer do tempo. Deste modo problematiza a situação dos papéis relegados à mulher representados na canção a exemplo do casamento como destino natural, momento em que a memória discursiva é ativada, pois é notório como há nesse sentido, a constatação dos pré-concebidos vigentes à época e ainda recorrentes, porém, com menor força discursiva de que a mulher foi feita para o casamento, para a reprodução, servidão ao homem, entre outros aspectos de subserviência e obediência feminina.

Este aspecto citado é demonstrado na escolha do verbete patriarcalismo, o qual marca a formação discursiva pela qual o autor é afetado, pois denuncia sua posição ideológica, seu lugar discursivo, sua tomada de posição, o sujeito da AD, como nos afirma Claudemar Fernandes,(2008), é um sujeito inserido em uma conjuntura sócio histórica-ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais.(FERNANDES, 2008, p.27-28). Este posicionamento do sujeito constata que dado comportamento alia-se a essa forma de expressão das relações de poder que determina o homem como o líder na organização familiar e social.

Prosseguindo com nossa análise a SD “destino não apenas inexorável, mas desejável: o casamento” reforça a ideia de o casamento como algo traçado, certo e obrigatório à mulher, mas também o toma como desejável, o texto então é concluído ressaltando que a música estabelece a hierarquia de obediência que a mulher deve ao homem dependendo da fase de sua vida.

Ao nos voltarmos para a ordem da questão observamos que ao escolher a SD “mobilização da língua oral, que em determinados contextos.” Os textos são recuperados em que a cantiga seja essa língua oral mobilizada no texto I e que o texto II acontece aqui como forma de expressar um desses prováveis contextos.

Como a cantiga popular favorece a reprodução dos costumes e culturas, permitindo que estes sejam absorvidos e incorporados por diversas gerações, ela possibilita essa produção-reprodução de saberes e dizeres legitimados na sociedade e cantados pela mãe para a criança. Notamos neste bojo, que o gesto de interpretar do sujeito discursivo está imbricado com a história e a ideologia que compõem a base do seu dizer. Ao nos depararmos com o gabarito oficial temos como assertiva a alternativa E, que finaliza a ordem da questão. Compreendemos, portanto, que a língua oral em determinados contextos “reforça comportamentos e padrões culturais”, que na citada questão diz do casamento como destino da mulher.

**Figura 7** – Questão 16: Criação, papel só da mãe?

**QUESTÃO 16**


**TEXTO I**

**Criatividade em publicidade: teorias e reflexões**

Resumo: O presente artigo aborda uma questão primordial na publicidade: a criatividade. Apesar de aclamada pelos departamentos de criação das agências, devemos ter a consciência de que nem todo anúncio é, de fato, criativo. A partir do resgate teórico, no qual os conceitos são tratados à luz da publicidade, busca-se estabelecer a compreensão dos temas. Para elucidar tais questões, é analisada uma campanha impressa da marca XXXX. As reflexões apontam que a publicidade criativa é essencialmente simples e apresenta uma releitura do cotidiano.

DEPEXE, S. D. Travessias: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Artes, n. 2, 2008.

**TEXTO II**



Os dois textos apresentados versam sobre o tema criatividade. O Texto I é um resumo de caráter científico e o Texto II, uma homenagem promovida por um site de publicidade. De que maneira o Texto II exemplifica o conceito de criatividade em publicidade apresentado no Texto I?

**A** Fazendo menção ao difícil trabalho das mães em criar seus filhos.

**B** Promovendo uma leitura simplista do papel materno em seu trabalho de criar os filhos.

**C** Explorando a polissemia do termo “criação”.

**D** Recorrendo a uma estrutura linguística simples.

**E** Utilizando recursos gráficos diversificados.

Homenagem ao Dia das Mães 2012. Disponível em: [www.comunicacao.com](http://www.comunicacao.com). Acesso em: 3 ago. 2012 (adaptado).

**Fonte:** Questão 16 do caderno azul, p. 8, 2017 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Esta questão é formulada a partir de dois textos, o texto I, um resumo de artigo científico intitulado “Criatividade em publicidade: teorias e reflexões” refletem acerca da criatividade na propaganda. Deste texto utilizaremos a SD “a publicidade criativa é simples e apresenta uma releitura do cotidiano”, pois ela demarca uma posição ideológica que nos serve na progressão da análise ao nos voltarmos para o texto II.


O texto II é composto de um cartaz em homenagem ao dia das mães onde se lê a seguinte SD: “Ninguém entende melhor de criação do que elas”, nos atentando para o jogo de sentidos que a palavra criação em destaque teria. Podemos pensar em criação no ato de criar, no fazer criativo, neste caso em relação à publicidade, já que a campanha foi feita por uma entidade da área da comunicação e, também, na criação dos filhos e filhas. É exatamente neste sentido que percebemos a formação discursiva, pois ao jogar com o termo criação a formação discursiva de que as mães possuem o dom da criação dos filhos, aciona a memória discursiva pelo pré-construído de que as mães criam os filhos como ninguém. E mais, que o papel de criar é delas, e não do pai em parceria. Como se maternar fosse apenas função feminina, naturalizada na gênese da “natureza feminina” e na duplicidade de sentido do termo criação; mãe, mulher concebida para educar filhos e filhas, para conceber e ser mãe, afirmando que ninguém “entende melhor de criação”, reiterando assim, o lugar que ocupa o sujeito discursivo que concebe a obrigatoriedade de criar filhos e filhas destinadas às mães e , portanto, perguntamos: os pais não paternam?

Ao analisar a ordem da questão, nos voltamos para o trecho “De que maneira o Texto II exemplifica o conceito de criatividade em publicidade apresentado no Texto I, pois este auxiliou na percepção do gesto interpretativo do qual utilizamos, considerando que as proposições configuram como meio para produzir sentidos, conforme relata Pêcheux (2009, p. 146-147), “as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, assim interpretamos que o texto II foi utilizado como subsídio para embasar o dizer da SD elencada no texto I da questão, uma vez que o mesmo evoca um acontecimento cotidiano, como sendo destino da mulher (a maternidade) para a elaboração da peça publicitária.

A assertiva da questão de acordo com o gabarito oficial, letra C “explorando a polissemia do termo criação” constata nosso gesto interpretativo para perceber as formações discursivas que se apegaram justamente da multiplicidade dos sentidos do termo.

**Figura 8** – Questão 28: violência contra mulher e o silêncio

**QUESTÃO 28**



Campanhas publicitárias podem evidenciar problemas sociais. O cartaz tem como finalidade

- A alertar os homens agressores sobre as consequências de seus atos.
- B conscientizar a população sobre a necessidade de denunciar a violência doméstica.
- C instruir as mulheres sobre o que fazer em casos de agressão.
- D despertar nas crianças a capacidade de reconhecer atos de violência doméstica.
- E exigir das autoridades ações preventivas contra a violência doméstica.

Disponível em: [www.agenciapatriciagalvao.org.br](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br). Acesso em: 15 maio 2017 (adaptado).

**Fonte:** Questão 28 do caderno azul, p. 13, 2017 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A materialidade presente na questão é apresentada por meio de um cartaz com os dizeres “Quem bate na mulher machuca a família inteira”, logo abaixo a ilustração de uma família retratado pelo autor do desenho, sua mãe com um bebê no colo, sua irmã Aninha todos com cara de choro e seu pai ilustrado na forma de monstro.

Nossa análise parte da formação ideológica presente na SD “Quem bate na mulher machuca a família inteira.” Ao nos atentarmos para o uso do pronome relativo quem, observando a ilustração da família o pai aparece representando em uma forma destoante dos demais, depreendemos que o sentido produzido indica que o pai, marido, companheiro é o quem a que a SD menciona, o que ao encontro do mapa da violência que afirma que parceiros e ex-parceiros compõem a maioria das agressões contra a mulher. Ao evocar a memória discursiva dentro da condição de produção em que foi formulado o cartaz, uma campanha publicitária apresenta os dizer de que a violência doméstica atinge toda a família.

Abaixo da ilustração da família, no canto inferior encontramos a ilustração de um coração ao lado da seguinte SD: “Ligue 180. Não se cale diante da violência

doméstica”. Ao lançar mão do gesto interpretativo a escolha do termo “cale” denuncia uma posição ideológica que marca a não denúncia da violência doméstica como uma forma de silenciamento. Depreendemos aqui que o não se calar diz do apelo para que as vítimas e testemunhas denunciem, o que verifica na assertiva da questão, alternativa B “conscientizar a população sobre a necessidade de denunciar a violência doméstica.” Remete ainda ao interdiscurso do ditado popular “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, apontando que quem assim procede, é também cúmplice, pois não age, não denuncia e pode contribuir para o aumento do feminicídio ao se calar.


Embora a questão possibilite uma abordagem interseccional, em que gênero, classe social e raça/cor também se conjugam, para o acirramento da violência, a questão trata da violência de gênero apenas. Conforme nos afirma Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação”. Compreendemos que a confluência destas categorias marcadas pelo racismo, luta de classes e o patriarcado acirram as múltiplas opressões a que muitas mulheres são submetidas.

A mesma temática é retomada em 2018, agora focalizando a violência sexual, conforme figura 9, por meio da materialidade presente no cartaz, o qual traz uma imagem de três mulheres de diferentes biotipos, inclusive destaca-se a presença de uma negra à direita, uma das mulheres aparece com as mãos nos olhos, fazendo alusão à visão, a outra com a mão na boca aludindo à voz e a outra com as mãos nos ouvidos em alusão à audição, todas como vítimas de silenciamentos produzidos por múltiplas formas de violência.

Do texto imagético podemos interpretar que os gestos nos chamam à memória discursiva, que aciona os pré-construídos de que: há uma recorrência de casos de assédio que não são denunciados devido ao medo das vítimas e das testemunhas. Retomando a materialidade verbal do texto encontramos a SD “Se você foi vítima de assédio, rompa o silêncio: DENUNCIE” a qual corrobora com nossa análise no sentido de que a escolha do termo “rompa” seria este fato/efeito que causaria o aumento nos números das denúncias. O imperativo, rompa, aja, grite, denuncie. Fale ainda que o medo esteja fazendo o não rompimento desse ciclo de silêncio.

**Figura 9** – Questão 41: Romper o silêncio da violência contra a mulher

**QUESTÃO 41**



Campanha permanente pelo fim da violência contra as mulheres

SE VOCÊ FOI VÍTIMA DE ASSÉDIO, ROMPA O SILÊNCIO:

**DENUNCIE**

LIGUE 180

TELEFONE LULÁS 0800 541 0803

Centro Estadual de Referência da Mulher Vânia Araújo Machado

TRENSURB

Disponível em: [www.su21.com.br](http://www.su21.com.br). Acesso em: 1 dez. 2017 (adaptado).

Nesse texto, busca-se convencer o leitor a mudar seu comportamento por meio da associação de verbos no modo imperativo à

- A indicação de diversos canais de atendimento.
- B divulgação do Centro de Defesa da Mulher.
- C informação sobre a duração da campanha.
- D apresentação dos diversos apoiadores.
- E utilização da imagem das três mulheres.

**Fonte:** Questão 41 do caderno azul, p. 17, 2018 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Para continuar nosso trabalho investigativo, analisaremos a seguir a questão 40 do caderno azul de 2018.

**Figura 10** - Questão 40: a lavadeira e os estigmas raciais e de classe

**QUESTÃO 40**

A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizes que adulteravam este novo relacionamento, eram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os folheados de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada. Aquela mulher, sentada e muda, com o rosto rastreado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver.

HATOUM, M. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Ao apresentar uma situação de tensão em família, o narrador destila, nesse fragmento, uma percepção das relações humanas e sociais demarcada pelo

- A predomínio dos estigmas de classe e de raça sobre a intimidade da convivência.
- B discurso da manutenção de uma ética doméstica contra a subversão dos valores.
- C desejo de superação do passado de escassez em prol do presente de abundância.
- D sentimento de insubordinação à autoridade representada pela matriarca da família.
- E rancor com a ingratidão e a hipocrisia geradas pelas mudanças nas regras da casa.

**Fonte:** Questão 40 do caderno azul, p. 16, 2017 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Esta questão usa a materialidade do texto literário, a partir de um fragmento da obra “Relato de um certo Oriente” de Milton Hatoum. No fragmento a personagem em

primeira pessoa relata acontecimentos do passado familiar. Neste caso o fato narrado diz de uma lavadeira índia que passa de escrava a serviçal obtendo assim algumas regalias.

Para esta análise no apoiaremos na SD “A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava”. O que conseguimos inferir, é que este dizer aciona outros dizeres, pré-construídos como: passar a ser um serviçal garante uma posição mais privilegiada que a de escrava e, apoiados nessas afirmações podemos constatar que o lugar da mulher aqui é tomado pela subalternidade, ao interseccionar os marcadores de gênero e de raça/etnia e de classe, pois a escrava em questão, trata-se de uma índia. Constatamos que a opressão marca uma formação discursiva que toma o lugar desta como o da clandestinidade, da invisibilidade o que é possível concluir pela SD “eles nunca suportaram que uma índia passasse a comer na mesa da sala, comendo com os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios os mesmos cristais dos copos e as mesmas porcelanas das xícaras de café”.

As regalias de que passa a dispor a lavadeira é o que desenrola o principal conflito da narrativa. O novo comportamento dela colocou em movimento as relações de poder estabelecidas na família, que via o novo comportamento do serviçal como uma ameaça aos costumes familiares.

A ordem da questão toma a centralidade do fato narrado como tensão em família, direcionando o leitor para responder o que demarca a percepção das relações humanas e sociais presente na narrativa. No gabarito oficial a alternativa A) “predomínio dos estigmas de classe e raça sobre a intimidade da convivência”, conclusão à qual percebemos ser possível chegar na verificação das marcas discursivas abordadas anteriormente, porém, cabe aqui acrescentar que a questão apaga o marcador de gênero ao reportar-se apenas a classe e raça.

É necessário não deixar de fora nenhum marcador social da diferença, pois as identidades precisam ser tratadas e analisadas “em pé de igualdade” para que se evitem as hierarquias e superposições de um marcador sobre outro, como aponta Akotirene (2018) é necessário que raça traga subsídios de classe, raça, gênero, sexualidade etc. para que estes estejam em um patamar de igualdade analítica.

Passamos então à análise da questão 35 de 2018.

**Figura 11** – Questão 35: O que quer a mulher de vermelho?

**QUESTÃO 35**

o que será que ela quer  
 essa mulher de vermelho  
 alguma coisa ela quer  
 pra ter posto esse vestido  
 não pode ser apenas  
 uma escolha casual  
 podia ser um amarelo  
 verde ou talvez azul  
 mas ela escolheu vermelho  
 ela sabe o que ela quer  
 e ela escolheu vestido  
 e ela é uma mulher  
 então com base nesses fatos  
 eu já posso afirmar  
 que conheço o seu desejo  
 caro watson, elementar:  
 o que ela quer sou euzinho  
 sou euzinho o que ela quer  
 só pode ser euzinho  
 o que mais podia ser

No processo de elaboração do poema, a autora confere ao eu lírico uma identidade que aqui representa a

**A** hipocrisia do discurso alicerçado sobre o senso comum.  
**B** mudança de paradigmas de imagem atribuídos à mulher.  
**C** tentativa de estabelecer preceitos da psicologia feminina.  
**D** importância da correlação entre ações e efeitos causados.  
**E** valorização da sensibilidade como característica de gênero.

FREITAS, A. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

**Fonte:** Questão 35 do caderno azul, p. 15, 2018 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A questão utiliza o poema “Mulher de vermelho” de Angélica Freitas. Ao fazermos a leitura da questão, de forma notadamente diretiva sua materialidade nos direciona ao lugar do imaginário, dos pré construídos fazendo com que saberes do interdiscurso sejam acionados. Ao lê-lo, algumas sequências discursivas vão despertando *insights*, que direcionam nossa forma de interpretar.

Escolhemos algumas SD para ilustrar nossa análise, tais quais são: SD “essa mulher de vermelho alguma coisa ela quer”, “mas ela escolheu vermelho, ela sabe o que ela quer”, ela escolheu vestido e ela é uma mulher”. Aqui nestas SD percebemos como o sujeito é interpelado pelos discursos que se ancoram nos saberes que relacionam a forma como a mulher se veste com intenções sexuais, observamos como a cor vermelha relacionada no imaginário social como uma cor relacionada a sensualidade, ao sexo, à carne, ao prazer, a sensualidade, ao jogo sexual, é utilizada em jogos de palavras que direcionam o gesto interpretativo.

As SD “já posso afirmar que conheço o seu desejo” e “o que ela quer sou euzinho” confirmam os dizeres anteriores, pois ao demonstrar a conclusão feita pelo sujeito denuncia sua posição e seu discurso alicerçados nos dizeres de que a mulher se veste para provocar o homem, chamar sua atenção.

A ordem da questão reflete: “No processo de elaboração do poema, a autora confere ao eu-lírico, uma identidade que aqui representa ”. Ao nos atermos a alternativa dada como correta pelo gabarito oficial, a alternativa A) conclui a “hipocrisia do discurso alicerçado sobre o senso comum”, verificamos a formação ideológica que problematiza o fato de tais formações discursivas estarem relacionadas ao senso comum e delas fazer juízo de valor, de modo a apontar que a mulher se veste de vermelho para atizar, seduzir o homem e não pra si mesma, na sua vaidade e gosto pelo vermelho, pela beleza.

Os versos finais “sou euzinho que ela quer” ratifica a análise de que o homem se acha no direito de afirmar que é para ele , que ela quer, como figura central da vida da mulher, dos seus gostos. Aqui há ainda a marca do machismo explícito com ares de arrogância apontado no verso: “Que mais podia ser”.

**Figura 12** – Questão 127: Yaó: iorubá e português conversando

QUESTÃO 127	
<p><b>Yaô</b></p> <p>Aqui có no terreiro Pelú adié Faz inveja pra gente Que não tem mulher</p> <p>No jacutá de preto velho Há uma festa de yaô</p> <p>Ôi tem nêga de Ogum De Oxalá, de lemanjá</p> <p>Mucama de Oxossi é caçador Ora viva Nanã Nanã Buruku</p> <p>Yô yôo Yô yôoo</p> <p>No terreiro de preto velho iaiá Vamos saravá (a quem meu pai?) Xangô!</p> <p><small>VIANA, G. Agô, Pixinguinha! 100 Anos. Som Livre, 1997.</small></p>	<p>A canção <i>Yaô</i> foi composta na década de 1930 por Pixinguinha, em parceria com Gastão Viana, que escreveu a letra. O texto mistura o português com o iorubá, língua usada por africanos escravizados trazidos para o Brasil. Ao fazer uso do iorubá nessa composição, o autor</p> <ul style="list-style-type: none"> <li><b>A</b> promove uma crítica bem-humorada às religiões afro-brasileiras, destacando diversos orixás.</li> <li><b>B</b> ressalta uma mostra da marca da cultura africana, que se mantém viva na produção musical brasileira.</li> <li><b>C</b> evidencia a superioridade da cultura africana e seu caráter de resistência à dominação do branco.</li> <li><b>D</b> deixa à mostra a separação racial e cultural que caracteriza a constituição do povo brasileiro.</li> <li><b>E</b> expressa os rituais africanos com maior autenticidade, respeitando as referências originais.</li> </ul>

**Fonte:** Questão 127 do caderno rosa, p. 15, 2015 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A questão utiliza da letra da canção *Yaô*, que enaltece os elementos das religiões afro-brasileiras, no poema a língua portuguesa e a língua iorubá são misturadas, os nomes dos orixás, de objetos e expressões das religiões e dos povos constituem o poema juntamente com construções em língua portuguesa.

Para esta análise trazemos elementos dos textos e utilizaremos a SD “língua usada por africanos escravizados trazidos para o Brasil”, nesta sequência percebe-se que na formulação da questão o uso do termo “escravizados” denuncia uma formação discursiva que toma os africanos a partir de uma formação ideológica que rejeita o uso do vocábulo “escravos”, pois o mesmo coloca a escravidão como processo natural e complacente com o racismo ao colocar os africanos como escravos, tomando a escravidão como natural e não como processo, que envolveu relações de poder. Assim, ao usar africanos escravizados opta-se por uma formação discursiva que rejeita a anterior. Deste modo, na memória discursiva podemos acionar o dizer de que os negros africanos foram escravizados, tornaram escravos por meio das relações de poder.

Ao nos atermos à assertiva da questão de acordo com o gabarito oficial, temos como correta a alternativa B “ressalta uma marca da cultura africana, que se mantém viva na produção musical brasileira”. Destarte interpretamos desta assertiva o acionamento do já dito de que a cultura africana influencia amplamente a cultura brasileira, acionando a memória discursiva de que a música brasileira tem forte influência da cultura africana.

**Figura 13** – Questão 24: Produtos de beleza e a estética do racismo

<p><b>QUESTÃO 24</b></p> <p><b>A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo</b></p> <p><b>Resumo:</b> Este artigo tem por finalidade discutir a representação da população negra, especialmente da mulher negra, em imagens de produtos de beleza presentes em comércios do nordeste goiano. <b>Evidencia-se que a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. A análise do material imagético aponta a desvalorização estética do negro, especialmente da mulher negra, e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados por meio do uso dos produtos apresentados. O discurso midiático-publicitário dos produtos de beleza rememora e legitima a prática de uma ética racista construída e atuante no cotidiano. Frente a essa discussão, sugere-se que o trabalho antirracismo, feito nos diversos espaços sociais, considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade.</b></p> <p><b>Palavras-chave:</b> Estética, racismo, mídia, educação, diversidade.</p> <p><small>SANT’ANA, J. A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo. Dossiê: trabalho e educação básica. <i>Margem Interdisciplinar</i>. Versão digital. Abaetetuba, n.16, jun. 2017 (adaptado).</small></p>		<p>O cumprimento da função referencial da linguagem é uma marca característica do gênero resumo de artigo acadêmico. Na estrutura desse texto, essa função é estabelecida pela</p> <p><b>A</b> impessoalidade, na organização da objetividade das informações, como em “Este artigo tem por finalidade” e “Evidencia-se”.</p> <p><b>B</b> seleção lexical, no desenvolvimento sequencial do texto, como em “imaginário racista” e “estética do negro”.</p> <p><b>C</b> metaforização, relativa à construção dos sentidos figurados, como nas expressões “descolonização estética” e “discurso midiático-publicitário”.</p> <p><b>D</b> nominalização, produzida por meio de processos derivacionais na formação de palavras, como “inferiorização” e “desvalorização”.</p> <p><b>E</b> adjetivação, organizada para criar uma terminologia antirracista, como em “ética da diversidade” e “descolonização estética”.</p>
---	--	--

**Fonte:** Questão 24 do caderno azul, p. 11, 2018 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Nesta questão o texto utilizado é um resumo de artigo acadêmico intitulado: “A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo”. Ressaltamos a utilização dos termos “estética do racismo”, pois esta demarca uma posição ideológica da autora, a qual considera que o racismo em meio à representação de negros e negras nos produtos compõe uma estética.

Ao prosseguirmos na análise do texto ressaltamos a seguinte SD: “a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista, apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira” percebemos neste enunciado os saberes discursivos de que as exclusões sofridas pelos negros são negadas e minimizadas na representação dos produtos de beleza. A SD: “A análise do material imagético aponta a desvalorização da estética do negro, especialmente da mulher negra e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados com o uso dos produtos a serem apresentados” marca uma posição ideológica que aponta dentro de uma formação discursiva que os produtos de beleza desvalorizam a imagem de negros e negras e propagam um ideal de beleza tomado pela estética branca, a qual deve ser alcançada pelos negros na utilização dos produtos.

Desta forma, percebemos como a tomada de estereótipos influenciam na identidade dos sujeitos, como nos afirma (SANTOS, NETO, 2011, p. 520) “Na sociedade brasileira, as relações se estabelecem baseadas em estereótipos que têm como padrão ideal o homem branco, de pele clara e cabelos lisos. Todos que se afastam desse padrão vão adquirindo ares de inferioridade”, é justamente nestes estereótipos que se ancoram as práticas e discursos que levam a uma busca pelos costumes do branco, a estética do branco, o cabelo do branco, a roupa do branco, pois o sujeito que é negado na mídia, na propaganda, nos filmes, TV etc., sente o desejo de se parecer com aquele que é evidente a todo momento.

Podemos perceber que a formação discursiva presente na SD: “considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade”. Ressalta que é importante ações na sociedade valorizando a beleza negra de modo a fazer com que esta se veja representada e empoderada rompendo com ideais coloniais e de valorização da estética branca. Seria assim o

negro dispor de sua imagem valorizada, empoderada e não mais inferiorizada, como aponta (SOUZA, 2016, p. 107) “apesar dos sofrimentos e dos abalos na compreensão de “si mesmo”, é preciso carregar o entendimento de pertença e de integração”, é preciso sentir-se incluído e representado.

Para finalizar nosso bloco de análises traremos agora a questão 14 de 2018.

**Figura 14** – Questão 20: Vó, a senhora é lésbica? A sexualidade silenciada

**QUESTÃO 20**

Vó Clarissa deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta. Beatriz ecoou a palavra como pergunta, “o que é lésbica?”. Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contraí o peito, esperando o tiro. [...]

[...] Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar.

POLESSO, N. B. Vó, a senhora é lésbica? *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015 (fragmento).

A situação narrada revela uma tensão fundamentada na perspectiva do

- A conflito com os interesses de poder.
- B silêncio em nome do equilíbrio familiar.
- C medo instaurado pelas ameaças de punição.
- D choque imposto pela distância entre as gerações.
- E apego aos protocolos de conduta segundo os gêneros.

**Fonte:** Questão 20 do caderno azul, p. 9, 2018 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A presente questão apresenta um fragmento do conto “Vó, a senhora é lésbica?”, de Natália Borges Polesso. No fragmento o conflito é gerado por meio de um questionamento que Joaquim faz a sua vó. “Vó a senhora é lésbica?”, o questionamento de Joaquim coloca os pensamentos da personagem narradora em ebulição fazendo desenrolar a tensão do conto.

Para análise abordaremos aqui as SD: “Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para vó”. Atribuímos a esta SD o possível sentido de que a narradora toma sua situação de lésbica como algo a ser escondido, não revelado para sua família, o que comprovamos na complementação de sua fala “Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas”, e na SD: “A vergonha estava estampada na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação”. Percebemos aqui que a narradora é interpelada por uma formação discursiva que toma a exposição da sua sexualidade como algo a lhe causar vergonha, intimidação no seio familiar, percebemos que no momento de leitura o sujeito-leitor aciona os conhecimentos do

interdiscurso ao buscar na memória a condição das pessoas homossexuais na sociedade; um cenário que foi e ainda é marcado pela exclusão, tomada pelas famílias muitas vezes como vergonha, desgosto e abominação.

Ao refletir sobre a relação que tem com a sua namorada, a narradora utiliza o termo naturalidade contrapondo sobre a insegurança que sente para contar da sua sexualidade para sua família, em que é possível perceber as confusões suscitadas ancoradas nos estigmas opressores a que a narradora ainda teme.

Compreendemos que o medo vem da negação, da vigilância e da punição já esperada, por isso é necessário reafirmar da necessidade de luta para que as diversas formas de expressão da sexualidade sejam visibilizadas e não silenciadas, como nos aponta (FOUCAULT, 2004, p.119) “É necessário lutar para dar espaço aos estilos de vida homossexual, às escolhas de vida em que as relações sexuais com pessoas do mesmo sexo sejam importantes.”

Compreendemos também o medo implícito advindo das tensões que são geradas no seio familiar, tendo em vista a família como organização social fazendo parte do que Althusser (1980) chama de Aparelhos ideológicos de Estado (AIE), que são compostos por um certo número de realidades que se apresentam ao observador como instituições distintas, como podemos citar o Aparelho Ideológico Religioso, Aparelho Ideológico Escolar, Aparelho Ideológico Familiar etc. postulado isto observamos assim que a família que determinada vezes oprime e segrega por não conceberem expressões da sexualidade que fujam da concepção binária e heteronormativa, não podemos negar que as questões da sexualidade vêm tomando espaço e sendo visibilizadas inclusive nas mídias, porém nem sempre a visibilização retorna como positiva em alguns setores a exemplo da família, das igrejas etc. como assim nos aponta Louro:

[...] tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual, e até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2001, p. 542)

É justamente destes efeitos contraditórios que a perspectiva do medo, da vivência dos armários ainda é tão presente nas vidas de tantas pessoas, é o medo de perder o amparo da família, do julgamento nas suas congregações, no local de

trabalho e de estudo. É o medo diário da falta de segurança no país que mais mata LBTTQIA+ no mundo.

A ordem da questão retorna ao fragmento questionando “A situação narrada revela uma situação descrita na perspectiva do” que é complementada pela assertiva B) silêncio em nome do equilíbrio familiar, corroborando assim com as nossas análises.

#### **4.1 Entretecendo os fios da interseccionalidade: presenças, ausências e olhares cruzados**

Olhamos agora para o conjunto de questões e análises para reafirmarmos a nossa defesa da interseccionalidade como ferramenta teórica-analítica fundamental para se problematizar as fronteiras identitárias atravessadas pelos marcadores da diferença. Apontando onde ela aparece, onde ela foi apagada e onde há potencial para se pensar um debate interseccional.

É necessário nos reportamos para a presença das categorias elencadas na prova do ENEM durante esses dez anos, cujos dados apontados nos quadros 2 e 3 apresentam um cenário de lacunas, no fato de que as questões com as temáticas deste estudo flutuam, aparecendo de forma irregular nos primeiros anos do recorte com duas questões, ora sem nenhuma, mas também verificamos como a emergência e a importância dos temas evoluiu sobremaneira nos dois últimos anos, demarcando assim uma potência analítica e discursiva mais diversa. Este dado corrobora ainda para esta acentuada ascensão, a implementação de políticas públicas afirmativas a exemplo do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – “Plano Viver sem Limite”, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC) antes SECAD até 2010, através do Decreto n. 7.480/2011 e também a Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008

Analisando o recorte e *corpus* do nosso trabalho, percebemos um cenário marcado em sua maior parte pela ausência de questões que abordem ou que suscitem potencialidades para um fazer analítico interseccional, provocando um esvaziamento da interseccionalidade ao abordar os marcadores identitários isoladamente.

Desta forma sinalizamos que a interseccionalidade em potência é percebida apenas a partir de 2017 na questão 40, vide figura 10 e em 2018, vide figuras 9 e 13.

Marcando assim, nesses dez anos um avanço, de certo modo ainda tímido, porém com potencial para que as questões à luz da ferramenta analítica da interseccionalidade, que visa segundo Akotirene, 2018:

[...] dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias onde as mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2018, p. 14)

Neste sentido, é preciso reinvestir-se cada vez mais nesta ferramenta para que sejam suscitadas discussões e movimentos com vistas a pensar a superação das opressões geradas na matriz das identidades suscitadas no racismo, machismo, cisheteropatriarcalismo e na luta de classes.

Outras compreensões também são possíveis ao percebermos que a categoria gênero ainda é fortemente marcada pela concepção binária homem e mulher, momento em que constatamos referência às outras performatividades de gênero, apenas em 2018, ano que marca os 20 anos do ENEM, quando a questão 37 conforme figura 15 aborda os termos *gay* e *travesti*, embora não tenha sido analisada por não estar inserida nos critérios já mencionados.

**Figura 15** – Questão 37: O Pajubá e a costura cultural

<p><b>QUESTÃO 37</b></p> <p><b>“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis</b></p> <p><i>Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade</i></p> <p>“Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acuê, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.</p> <p>Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acuê’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.</p> <p>O dicionário a que ele se refere é o <i>Aurélia, a dicionária da língua afiada</i>, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.</p> <p>Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.</p> <p><small>Disponível em: <a href="http://www.midiamax.com.br">www.midiamax.com.br</a>. Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).</small></p>		<p>Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha <i>status</i> de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por</p> <p><b>A</b> ter mais de mil palavras conhecidas.</p> <p><b>B</b> ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.</p> <p><b>C</b> ser consolidado por objetos formais de registro.</p> <p><b>D</b> ser utilizado por advogados em situações formais.</p> <p><b>E</b> ser comum em conversas no ambiente de trabalho.</p>
<p><b>Fonte:</b> Questão 37 do caderno azul, p. 16, 2018 In: <a href="http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos">http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos</a></p>		

Além da sexualidade que também é trazida para a rede de questões também a partir de 2018, conforme figura 14, abordadas de forma a tensionar os conflitos que resultam de uma expressão da sexualidade que foge da heteronormatividade.

**Figura 16** – Questão 105: Olá, Negro! Preservação da memória e cultura

**QUESTÃO 105**

**Olá! Negro**

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos  
e a quarta e a quinta gerações de teu sangue sofredor  
tentarão apagar a tua cor!  
E as gerações dessas gerações quando apagarem  
a tua tatuagem execranda,  
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!  
Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,  
negro-fujão, negro cativo, negro rebelde  
negro cabinda, negro congo, negro ioruba,  
negro que foste para o algodão de USA  
para os canaviais do Brasil,  
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga  
de todos os senhores do mundo;  
eu melhor compreendo agora os teus *blues*  
nesta hora triste da raça branca, negro!  
Olá, Negro! Olá, Negro!  
A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!

LIMA, J. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958 (fragmento).

O conflito de gerações e de grupos étnicos reproduz, na visão do eu lírico, um contexto social assinalado por

- A modernização dos modos de produção e consequente enriquecimento dos brancos.
- B preservação da memória ancestral e resistência negra à apatia cultural dos brancos.
- C superação dos costumes antigos por meio da incorporação de valores dos colonizados.
- D nivelamento social de descendentes de escravos e de senhores pela condição de pobreza.
- E antagonismo entre grupos de trabalhadores e lacunas de hereditariedade.

**Fonte:** Questão 105 do caderno amarelo, p. 9, 2013 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

**Figura 17** – Questão 128: A perversidade contraditória em Negrinha

**Questão 128**

**Negrinha**

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças. Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. Ótima, a dona Inácia. Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. [...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. *Negrinha*. In: MORICONE, I. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

- A falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- B receptividade da senhora para com os padres, mas deselegante para com as beatas.
- C ironia do padre a respeito da senhora, que era perversa com as crianças.
- D resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.
- E rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-los com castigos.

**Fonte:** Questão 128 do caderno amarelo, p. 17, 2010 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

A abordagem de raça/ cor é percebida numa perspectiva voltada para os aspectos culturais e históricos, principalmente ligados à escravização e colonização, conforme figuras 16 e 17 não indo além nem contestando as desigualdades sociais, ou questões mais atuais como o genocídio da juventude negra, a solidão e o desamparo da mulher negra na sociedade brasileira. Porém, há avanços que são justificados pelas questões trazidas nos últimos dois anos ao apresentar questões que oferecem elementos para uma discussão interseccionalizada, pensando as avenidas identitárias, entrecruzadas pelos marcadores que formam junto com raça as matrizes geradoras de sistemas opressores.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As opressões operacionalizadas pelos marcadores sociais das diferenças são reais e produzidas diariamente, principalmente pela propagação de discursos que naturalizam e disseminam estigmas advindos das relações sociais de poder engendradas no racismo, machismo, homolesbotransfobia, nos discursos de ódio e nas lutas de classe. É necessário afirmar que trazer tais temas para debate em um exame de nível nacional, em que milhões de jovens são submetidos anualmente é imprescindível se quisermos ultrapassar as barreiras das opressões na construção de uma consciência coletiva que as rejeite, que reconheçam como essas opressões são geradas e seus impactos para que assim, atuem na superação destas. É preciso considerar ainda que estamos falando de sujeitos sócio históricos e por tanto sujeitos de direito que precisam ter acesso à educação de qualidade, moradia, saúde, lazer. Conceber a educação para os direitos humanos, a educação que tem na diversidade sua centralidade.

A motivação deste trabalho conforme já explicitado nasce do desejo de se investigar como as questões de Linguagens do ENEM abordam as categorias de gênero, sexualidade e raça/cor buscando um olhar interseccional por meio da AD, buscou se formular e analisar possíveis formações discursivas nos quais os sentidos discursivos produzem efeitos sobre o real do sentido e ampliando possibilidades emancipatórias quando trazidas para a *ágora*, espaço no qual questões que eram empurradas para baixo do tapete de nossa história brasileira, mas que faziam e fazem seus efeitos nocivos sobre a constituição de nossas identidades, podem ser analisadas à luz do dia criando movimentos de resistências, enfrentamentos e proposições individuais e coletivas sobre esta realidade, contrapondo formações discursivas outras que venham ao encontro dos nossos anseios de justiça, afeto e solidariedade.

Desta forma, buscamos analisar as questões, entrecruzando as noções estabelecidas nas teorias para compreender como têm sido tratadas as questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de Linguagens do ENEM? Para responder a nossa questão investigativa e nossos objetivos específicos elencamos questionamentos que se desdobraram como: (i) Quais abordagens têm sido utilizadas no trato dessas questões? (ii) Quais aspectos são priorizados nas questões das avaliações acerca da diversidade tendo como recorte as questões de gênero,

sexualidades e raça/etnia. (iii) Há representação das formas de diversidades nas avaliações propostas? Quais? (iv) Os temas são tratados de forma a contribuir para a erradicação das diversas formas de discriminação? (v) As questões tendem a denunciar e/ou reforçar padrões de comportamento?

Para respondermos ao problema de pesquisa definimos o *corpus* de análise tomando como inspiração a AD. Os resultados que emergiram da pesquisa apontam que, os discursos que emergem das questões analisadas nos mostram uma abordagem social das temáticas tomadas por movimentação de discursos, percebemos que a abordagem nas materialidades utilizadas tendem a expor os estigmas dos papéis de gênero, as opressões e relações de poder engendradas dentro das categorias de gênero e raça/cor. Representações que romp/em com o binarismo de gênero, homem x mulher, só foram percebidas no último ano do recorte.

Os aspectos percebidos na abordagem de raça e cor ainda são tomados na perspectiva da colonização, das marcas da escravização embora tenhamos percebido rompimentos, principalmente quando a interseccionalidade foi acionada para problematizar a questão do apagamento e desvalorização da estética negra nos produtos de beleza. As questões embora tenham avançado nos dois últimos anos, ainda não são suficientes para uma discussão interseccionalizada visando a tomada destas categorias cruzadas em uma matriz de opressões suscitadas no racismo, machismo, cisheteropatriarcado e homofobia.

A sexualidade só é abordada na última edição analisada, em que se problematiza a questão da vigilância, da sexualidade como causadora de tensões ancoradas em relações de forças, a exemplo do contexto familiar trazido na materialidade do texto, que tendem a colocá-la nas subalternidades, nos armários, invisibilizando-as.

O estudo evidencia ainda que os temas abordados no ENEM tendem a denunciar os estigmas e opressões, fato esse tomado como positividade, por percebermos um caráter marcante de problematização dos estigmas dos papéis sociais de gênero. Também constatamos que os discursos fazem emergir saberes e sentires sociohistóricos que, a depender da formação discursiva do aluno-candidato avaliado, o sujeito leitor possa acionar como denúncia ou como reforço que naturaliza estereótipos e assimetrias de gênero, por exemplo.

Há ainda questões que estimulam a apreensão de sentido único pela limitação da assertiva adequada à questão, pois notamos que ao tomar a materialidade dos

textos para discutir aspectos essencialmente linguísticos, o exame acaba por apagar toda carga discursiva das questões, o que implica direcionamento e uma concepção de texto não marcada como prática discursiva e sim com caráter ainda de decodificação e não de construção de sentidos.

A relevância e originalidade deste estudo estão na sua gênese, pois para buscar compreender como as questões de gênero, sexualidade e raça/cor têm se configurado no ENEM, num cenário em que a educação brasileira passa por sérias crises de retrocessos das conquistas das políticas educacionais gestadas nestes último dez anos aponta para os riscos que estamos vivenciando quanto a temas que tragam a diversidade para a centralidade da formação humana e conseqüentemente para professores, em especial de Língua Portuguesa que operam com as linguagens e suas políticas de sentido.

Concluimos, pois, pelo estudo realizado que o ENEM é um espaço em disputa e que por esta razão sua magnitude e importância histórica para as conquistas dos direitos humanos estão sendo ameaçados pela atual política governamental que de modo explícito se coloca como antagônica na luta das minorias que compõem a sociedade brasileira. Neste sentido muitos dos temas abordados pelo ENEM ganham centralidade, estão em movimento, carregados de discursos que ora se encontram, ora são antagônicos. Portanto, é pertinente e urgente conhecer como este exame a nível nacional, submetido todos os anos a milhões de estudantes vem abordando estas temáticas. É relevante também destacar que os temas elencados nas avaliações do ENEM refletirão nas práticas pedagógicas e discursivas em sala de aula, uma vez que as escolas têm se aproximado cada vez mais dos temas e abordagens do exame.

Reconhecemos que toda pesquisa é datada e possui limites. Esta não é diferente, a concebemos como um estudo inicial que suscita e reclama novas questões de pesquisa, novos olhares, distintas perspectivas, a fim de ampliar e aprofundar o tema. Deste modo para não concluir, mas dar uma pausa neste estudo que é datado e tem suas limitações como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e que cumpre seu papel por responder ao que se propôs, questionamos: A quem será que se destina o ENEM, considerando os retrocessos e desmontes da educação brasileira na atualidade? Nos questionamos novamente: a quem interessa que ele não mais exista na perspectiva aqui estudada? Novos estudos dirão...

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- AMORIM, Linamar T. Gênero: uma construção do movimento feminista? In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2., 2011, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2011.p. 1-2.
- BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. **Diogène**, n. 225, p. 70-88, Jan./Mars 2009.
- BRASIL. **ENEM**. Provas e gabaritos. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: 22 de out. 2018.
- \_\_\_\_\_. Decreto n. 7.480, de 16 de maio de 2011. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores (DAS) e das Funções Gratificadas do Ministério da Educação e dispõe sobre remanejamento de cargos em comissão. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 maio 2011. Disponível em: Acesso em: 17 jul. 2019.
- \_\_\_\_\_. **MEC. Portaria nº 462**, de 28 de maio de 2009. Disponível em: <[http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/portmec462\\_09.htm](http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/portmec462_09.htm)>. Acesso em: 23 mar. 2019.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad). **Caderno de gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília, 2007.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, SECAD, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Portaria MEC nº 438**, de 28 de maio de 1998. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.editoramagister.com/doc\\_348638\\_PORTARIA\\_N\\_438\\_DE\\_28\\_DE\\_MAI\\_O\\_DE\\_1998.aspx](http://www.editoramagister.com/doc_348638_PORTARIA_N_438_DE_28_DE_MAI_O_DE_1998.aspx)>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- CANAL RURAL. **Pesquisa: boa parte das escolas rurais não têm computadores e internet**. Disponível em: < <https://canalrural.uol.com.br/agronegocio/pesquisa-boa-parte-escolas-rurais-nao-tem-computadores-internet/>> Acesso em: 28 de jul. 2019
- CECCHETTO, F.; RIBEIRO, F,M,L.; OLIVEIRA, Q.M. Gênero, sexualidade e 'raça': dimensões da violência no contexto escolar. In: ASSIS, SG.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, JQ. (orgs.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, p. 121-146.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, “**Manifesto**”. As novidades de sempre. 2013. Disponível em: <<https://rodrigossilvadoo.blogspot.com.br/2013/11/declaracao-do-coletivocombahee-river.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

DORLIN, Elsa. De l’usage épistémologique et politique des catégories de ‘sexe’ et de ‘race’ dans les études sur le genre. **Cahiers du Genre**, n. 39, p. 83- 105, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Paulo: Editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas a outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O combate da castidade. In: M. B. de Motta (Org.) **Ética, sexualidade, política/ Michel Foucault**: Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 264-287. 2004.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores 2015. Rio de Janeiro: IBGE; Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2016,108 p.

JESUS, Beto de *et al.* **Diversidade Sexual na Escola**: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. São Paulo: Ecos; Corsa, 2006.

JORNAL A TARDE. (2015). **Escola sem conexão**. [Editorial]. In: Caderno Opinião A3, Salvador: Recuperado 28 de setembro, 2015.[www.jornalatarde.com.br](http://www.jornalatarde.com.br).

LACERDA, Rowena Borralho Monteiro. **Discursividade midiático-ideológica sobre a temática da mulher no ENEM 2015**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Cintia Gonçalves. **Simone de Beauvoir na prova do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e a repercussão na mídia: a importância dos estudos de Simone de Beauvoir sobre a condição das mulheres na formação das/os educandas/os da Educação Básica.** 2016. 89 p. Monografia (Especialização) – Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

MELLO, Daniel. **Mais de um terço dos domicílios brasileiros não tem acesso à internet.** Portal EBC, 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mais-de-um-terco-dos-domicilios-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>> Acesso em: 28 de jul. 2019.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social.** Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.0

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

POCAHY, Altair. F. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática conceito feminista. **Textura**, Canoas, n.23, p.18-30, jan./jun. 2011.

RIBEIRO, Djamila. Cansado de ouvir sobre machismo e racismo? Imagine quem vive isso. **Lugar de mulher**, 2015. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/cansado-de-ouvir-sobre-machismo-e-racismo-imagine-quem-vive-isso/>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

ROHDEN, F. *et al.* (org.). **Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação e relações étnico-raciais.** Rio de Janeiro: Cepesc, 2009.

SANTOS, Gil. **Enem Digital começa a ser aplicado em 2020 e divide opiniões.** Jornal Correio, Salvador, 04 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/enem-digital-comeca-a-ser-aplicado-em-2020-e-divide-opinioes/>> Acesso em: 28 jul. 2019.

SANTOS, Marzo Vargas dos; MOLINA NETO, Vicente. Aprendendo a ser negro: a perspectiva dos estudantes. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2011, vol.41, n.143, p. 516-537.

SCHNEIDER, Jeferson da Silva. **As questões de interpretação no enem 2014: uma análise discursiva**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, 2, p. 71-99, jul/dez, 1995.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da & TEIXEIRA FILHO, Roberto Santos. Relações de gênero e geração: pistas de cartografias iniciais. In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco (org.). **Diferenças e desigualdades no cotidiano da educação básica**. 1. ed. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017, v. 1, p. 9-401.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOUSA FILHO, Alípio de. **Homossexualidade e preconceito**. Disponível em: <[http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S\\_autores/SOUSA\\_Filho\\_Alipio\\_tit\\_homossexualidade\\_e\\_preconceito.htm](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S_autores/SOUSA_Filho_Alipio_tit_homossexualidade_e_preconceito.htm)>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SOUZA, Antônio José de. **Identidades e cultura afro-brasileira na docência da roça: documento de referência para educação básica**. 2016. 147 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina - BA, 2016.

SOUZA, Luiz Eduardo Espindola de. **Afirmações e silenciamentos sobre a temática racial no ENEM**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Humanidades Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TOKARNIA, Mariana. **Especialistas apontam desafios para realização do Enem digital**. Portal EBC, 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-07/especialistas-apontam-desafios-para-realizacao-do-enem-digital>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2017.

VICENTE, Viviana da Cruz. **As representações de gênero nas questões de ciências da natureza do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2018.

VIGOYA, Mara Vivero. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade en el contexto latinoamericano actual. **Revista Latinoamericana de Estudios de Familia**, v. 1, p. 63-81, enero/dic. 2009.

## ANEXOS

## ANEXO A: Questão 127, 2010

## Questão 127

Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destroçados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

Coluna Pênalti. Carta Capital. 29 abr. 2010.

O trecho é parte de uma carta de um cidadão brasileiro, José Fuzeira, encaminhada, em abril de 1940, ao então presidente da República Getúlio Vargas. As opções linguísticas de Fuzeira mostram que seu texto foi elaborado em linguagem

- Ⓐ regional, adequada à troca de informações na situação apresentada.
- Ⓑ jurídica, exigida pelo tema relacionado ao domínio do futebol.
- Ⓒ coloquial, considerando-se que ele era um cidadão brasileiro comum.
- Ⓓ culta, adequando-se ao seu interlocutor e à situação de comunicação.
- Ⓔ informal, pressupondo o grau de escolaridade de seu interlocutor.

## ANEXO B: Questão 128, 2010

## Questão 128

## Negrinha

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nasceria na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. Negrinha. In: MORICONE, I. Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

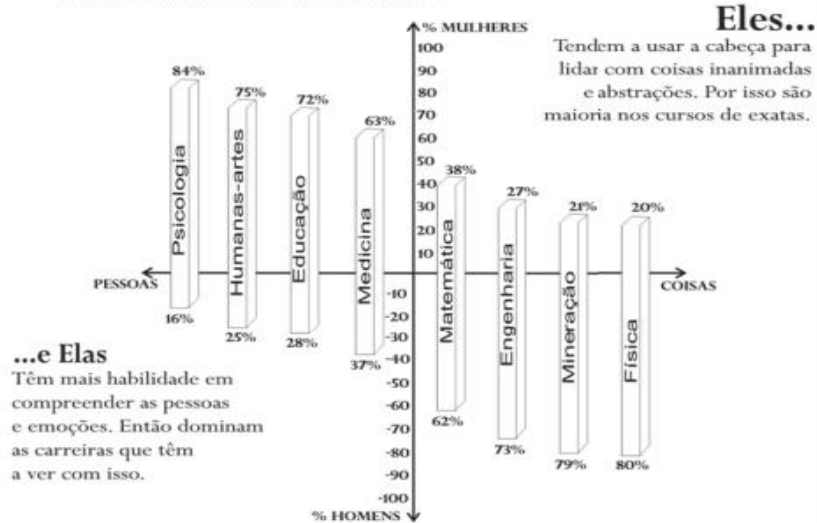
- Ⓐ falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- Ⓑ receptividade da senhora para com os padres, mas deselegante para com as beatas.
- Ⓒ ironia do padre a respeito da senhora, que era perversa com as crianças.
- Ⓓ **resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.**
- Ⓔ rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-los com castigos.

## ANEXO C: Questão 132, 2010

### Questão 132

#### CADA UM NA SUA

O que o sexo dos matriculados nas universidades brasileiras diz sobre a mente dos machos e das fêmeas.



Superinteressante. Ed. 256, set. 2008.

Segundo pesquisas recentes, é irrelevante a diferença entre sexos para se avaliar a inteligência. Com relação às tendências para áreas do conhecimento, por sexo, levando em conta a matrícula em cursos universitários brasileiros, as informações do gráfico asseguram que

- Ⓐ os homens estão matriculados em menor proporção em cursos de Matemática que em Medicina por lidarem melhor com pessoas.
- Ⓑ as mulheres estão matriculadas em maior percentual em cursos que exigem capacidade de compreensão dos seres humanos.
- Ⓒ as mulheres estão matriculadas em percentual maior em Física que em Mineração por tenderem a trabalhar melhor com abstrações.
- Ⓓ as homens e as mulheres estão matriculados na mesma proporção em cursos que exigem habilidades semelhantes na mesma área.
- Ⓔ as mulheres estão matriculadas em menor número em Psicologia por sua habilidade de lidarem melhor com coisas que com sujeitos.

### ANEXO D: Questão 117, 2012

#### QUESTÃO 117

##### Das irmãs

os meus irmãos sujando-se  
na lama  
e eis-me aqui cercada  
de alvura e enxovais  
eles se provocando e provando  
do fogo  
e eu aqui fechada  
provendo a comida  
eles se lambuzando e arrotando  
na mesa  
e eu a temperada  
servindo, contida  
os meus irmãos jogando-se  
na cama  
e eis-me afiançada  
por dote e marido

QUEIROZ, S. O sacro ofício. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

O poema de Sonia Queiroz apresenta uma voz lírica feminina que contrapõe o estilo de vida do homem ao modelo reservado à mulher. Nessa contraposição, ela conclui que

- Ⓐ a mulher deve conservar uma assepsia que a distingue de homens, que podem se jogar na lama.
- Ⓑ a palavra "fogo" é uma metáfora que remete ao ato de cozinhar, tarefa destinada às mulheres.
- Ⓒ a luta pela igualdade entre os gêneros depende da ascensão financeira e social das mulheres.
- Ⓓ a cama, como sua "alvura e enxovais", é um símbolo da fragilidade feminina no espaço doméstico.
- Ⓔ os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais.

### ANEXO E: Questão 132, 2012

**QUESTÃO 132**

Lugar de mulher também é na oficina. Pelo menos nas oficinas dos cursos da área automotiva fornecidos pela Prefeitura, a presença feminina tem aumentado ano a ano. De cinco mulheres matriculadas em 2005, a quantidade saltou para 79 alunas inscritas neste ano nos cursos de mecânica automotiva, eletricidade veicular, injeção eletrônica, repintura e funilaria. A presença feminina nos cursos automotivos da Prefeitura — que são gratuitos — cresceu 1 480% nos últimos sete anos e tem aumentado ano a ano.

Disponível em: [www.correiodeuberlandia.com.br](http://www.correiodeuberlandia.com.br). Acesso em: 27 fev. 2012 (adaptado).

Na produção de um texto, são feitas escolhas referentes a sua estrutura, que possibilitam inferir o objetivo do autor. Nesse sentido, no trecho apresentado, o enunciado "Lugar de mulher também é na oficina" corrobora o objetivo textual de

- A** demonstrar que a situação das mulheres mudou na sociedade contemporânea.
- B** defender a participação da mulher na sociedade atual.
- C** comparar esse enunciado com outro: "lugar de mulher é na cozinha".
- D** criticar a presença de mulheres nas oficinas dos cursos da área automotiva.
- E** distorcer o sentido da frase "lugar de mulher é na cozinha".

**ANEXO F: Questão 105, 2013****QUESTÃO 105****Olá! Negro**

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos  
e a quarta e a quinta gerações de teu sangue sofredor  
tentarão apagar a tua cor!  
E as gerações dessas gerações quando apagarem  
a tua tatuagem execranda,  
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!  
Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,  
negro-fujão, negro cativo, negro rebelde  
negro cabinda, negro congo, negro ioruba,  
negro que foste para o algodão de USA  
para os canaviais do Brasil,  
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga  
de todos os senhores do mundo;  
eu melhor compreendo agora os teus *blues*  
nesta hora triste da raça branca, negro!  
Olá, Negro! Olá, Negro!  
A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!

LIMA, J. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958 (fragmento).

O conflito de gerações e de grupos étnicos reproduz, na visão do eu lírico, um contexto social assinalado por

- A** modernização dos modos de produção e consequente enriquecimento dos brancos.
- B** preservação da memória ancestral e resistência negra à apatia cultural dos brancos.
- C** superação dos costumes antigos por meio da incorporação de valores dos colonizados.
- D** nivelamento social de descendentes de escravos e de senhores pela condição de pobreza.
- E** antagonismo entre grupos de trabalhadores e lacunas de hereditariedade.

## ANEXO G: Questão 119, 2013

## QUESTÃO 119

A PREGUIÇA É A MÃE DE  
TODOS OS VÍCIOS, MAS UMA  
MÃE É UMA MÃE E É PRECISO  
RESPEITÁ-LA, PRONTO!



Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br>. Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfosintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

- A emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- B uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- C retomada do substantivo "mãe", que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.
- D utilização da forma pronominal "la", que reflete um tratamento formal do filho em relação à "mãe".
- E repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

## ANEXO H: Questão 127, 2015

## QUESTÃO 127

## Yaô

Aqui có no terreiro  
Pelú adié  
Faz inveja pra gente  
Que não tem mulher  
  
No jacutá de preto velho  
Há uma festa de yaô  
Ôi tem nêga de Ogum  
De Oxalá, de lemanjá  
  
Mucama de Oxossi é caçador  
Ora viva Nanã  
Naná Buruku  
  
Yô yôo  
Yô yôoo  
  
No terreiro de preto velho iaiá  
Vamos saravá (a quem meu pai?)  
Xangô!

VIANA, G. Agô, *Pixinguinha! 100 Anos*. Som Livre, 1997.

A canção *Yaô* foi composta na década de 1930 por Pixinguinha, em parceria com Gastão Viana, que escreveu a letra. O texto mistura o português com o iorubá, língua usada por africanos escravizados trazidos para o Brasil. Ao fazer uso do iorubá nessa composição, o autor

- A promove uma crítica bem-humorada às religiões afro-brasileiras, destacando diversos orixás.
- B ressalta uma mostra da marca da cultura africana, que se mantém viva na produção musical brasileira.
- C evidencia a superioridade da cultura africana e seu caráter de resistência à dominação do branco.
- D deixa à mostra a separação racial e cultural que caracteriza a constituição do povo brasileiro.
- E expressa os rituais africanos com maior autenticidade, respeitando as referências originais.

**ANEXO I: Questão 09, 2017****QUESTÃO 09****TEXTO I**

Terezinha de Jesus  
De uma queda foi ao chão  
Acudiu três cavalheiros  
Todos os três de chapéu na mão

O primeiro foi seu pai  
O segundo, seu irmão  
O terceiro foi aquele  
A quem Tereza deu a mão

BATISTA, M. F. B. M.; SANTOS, I. M. F. (Org.). *Cancioneiro da Paraíba*. João Pessoa: Grafset, 1993 (adaptado).

**TEXTO II**

Outra interpretação é feita a partir das condições sociais daquele tempo. Para a ama e para a criança para quem cantava a cantiga, a música falava do casamento como um destino natural na vida da mulher, na sociedade brasileira do século XIX, marcada pelo patriarcalismo. A música prepara a moça para o seu destino não apenas inexorável, mas desejável: o casamento, estabelecendo uma hierarquia de obediência (pai, irmão mais velho, marido), de acordo com a época e circunstâncias de sua vida.

Disponível em: <http://provsjose.blogspot.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2012.

O comentário do Texto II sobre o Texto I evoca a mobilização da língua oral que, em determinados contextos,

- Ⓐ assegura a existência de pensamentos contrários à ordem vigente.
- Ⓑ mantém a heterogeneidade das formas de relações sociais.
- Ⓒ conserva a influência religiosa sobre certas culturas.
- Ⓓ preserva a diversidade cultural e comportamental.
- Ⓔ reforça comportamentos e padrões culturais.

## ANEXO J: Questão 16, 2017

## QUESTÃO 16

## TEXTO I

**Criatividade em publicidade: teorias e reflexões**

Resumo: O presente artigo aborda uma questão primordial na publicidade: a criatividade. Apesar de aclamada pelos departamentos de criação das agências, devemos ter a consciência de que nem todo anúncio é, de fato, criativo. A partir do resgate teórico, no qual os conceitos são tratados à luz da publicidade, busca-se estabelecer a compreensão dos temas. Para elucidar tais questões, é analisada uma campanha impressa da marca XXXX. As reflexões apontam que a publicidade criativa é essencialmente simples e apresenta uma releitura do cotidiano.

DEPEXE, S. D. Travessias: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Artes, n. 2, 2008.

## TEXTO II



Os dois textos apresentados versam sobre o tema criatividade. O Texto I é um resumo de caráter científico e o Texto II, uma homenagem promovida por um *site* de publicidade. De que maneira o Texto II exemplifica o conceito de criatividade em publicidade apresentado no Texto I?

- A** Fazendo menção ao difícil trabalho das mães em criar seus filhos.
- B** Promovendo uma leitura simplista do papel materno em seu trabalho de criar os filhos.
- C** Explorando a polissemia do termo "criação".
- D** Recorrendo a uma estrutura linguística simples.
- E** Utilizando recursos gráficos diversificados.

## ANEXO K: Questão 28, 2017

QUESTÃO 28

Quem bate  
na mulher  
machuca a família  
inteira.



Ligue 180.  
Não se cale diante  
da violência doméstica.

Disponível em: [www.agenciapatriciagalvao.org.br](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br). Acesso em: 15 maio 2017 (adaptado).

Campanhas publicitárias podem evidenciar problemas sociais. O cartaz tem como finalidade

- A alertar os homens agressores sobre as consequências de seus atos.
- B conscientizar a população sobre a necessidade de denunciar a violência doméstica.
- C instruir as mulheres sobre o que fazer em casos de agressão.
- D despertar nas crianças a capacidade de reconhecer atos de violência doméstica.
- E exigir das autoridades ações preventivas contra a violência doméstica.

ANEXO L: Questão 40, 2017

QUESTÃO 40

A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizes que adulteravam este novo relacionamento, eram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os folheados de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada. Aquela mulher, sentada e muda, com o rosto rastreado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver.

HATOUM, M. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Ao apresentar uma situação de tensão em família, o narrador destila, nesse fragmento, uma percepção das relações humanas e sociais demarcada pelo

- A predomínio dos estigmas de classe e de raça sobre a intimidade da convivência.
- B discurso da manutenção de uma ética doméstica contra a subversão dos valores.
- C desejo de superação do passado de escassez em prol do presente de abundância.
- D sentimento de insubordinação à autoridade representada pela matriarca da família.
- E rancor com a ingratidão e a hipocrisia geradas pelas mudanças nas regras da casa.

## ANEXO M: Questão 14, 2018

### QUESTÃO 14

No tradicional concurso de *miss*, as candidatas apresentaram dados de feminicídio, abuso sexual e estupro no país.

No lugar das medidas de altura, peso, busto, cintura e quadril, dados da violência contra as mulheres no Peru. Foi assim que as 23 candidatas ao *Miss Peru 2017* protestaram contra os altos índices de feminicídio e abuso sexual no país no tradicional desfile em trajes de banho.

O tom político, porém, marcou a atração desde o começo: logo no início, quando as peruanas se apresentaram, uma a uma, denunciaram os abusos morais e físicos, a exploração sexual, o assédio, entre outros crimes contra as mulheres.

Disponível em: [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br). Acesso em: 29 nov. 2017.

Quanto à materialização da linguagem, a apresentação de dados relativos à violência contra a mulher

- A) configura uma discussão sobre os altos índices de abuso físico contra as peruanas.
- B) propõe um novo formato no enredo dos concursos de beleza feminina.
- C) condena o rigor estético exigido pelos concursos tradicionais.
- D) recupera informações sensacionalistas a respeito desse tema.
- E) subverte a função social da fala das candidatas a *miss*.

## ANEXO N: Questão 20, 2018

### QUESTÃO 20

Vó Clarissa deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta. Beatriz ecoou a palavra como pergunta, "o que é lésbica?". Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contraí o peito, esperando o tiro. [...]

[...] Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar.

POLESSO, N. B. Vó, a senhora é lésbica? *AMORA*. Porto Alegre: Não Editora, 2015 (fragmento).

A situação narrada revela uma tensão fundamentada na perspectiva do

- A) conflito com os interesses de poder.
- B) silêncio em nome do equilíbrio familiar.
- C) medo instaurado pelas ameaças de punição.
- D) choque imposto pela distância entre as gerações.
- E) apego aos protocolos de conduta segundo os gêneros.

## ANEXO O: Questão 24, 2018

## QUESTÃO 24

**A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo**

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade discutir a representação da população negra, especialmente da mulher negra, em imagens de produtos de beleza presentes em comércios do nordeste goiano. Evidencia-se que a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. A análise do material imagético aponta a desvalorização estética do negro, especialmente da mulher negra, e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados por meio do uso dos produtos apresentados. O discurso midiático-publicitário dos produtos de beleza rememora e legitima a prática de uma ética racista construída e atuante no cotidiano. Frente a essa discussão, sugere-se que o trabalho antirracismo, feito nos diversos espaços sociais, considere o uso de estratégias para uma "descolonização estética" que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade.

**Palavras-chave:** Estética, racismo, mídia, educação, diversidade.

SANT'ANA, J. A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo. Dossiê: trabalho e educação básica. *Margens Interdisciplinares*. Versão digital. Abaetetuba, n.16, jun. 2017 (adaptado).

O cumprimento da função referencial da linguagem é uma marca característica do gênero resumo de artigo acadêmico. Na estrutura desse texto, essa função é estabelecida pela

- A** impessoalidade, na organização da objetividade das informações, como em "Este artigo tem por finalidade" e "Evidencia-se".
- B** seleção lexical, no desenvolvimento sequencial do texto, como em "imaginário racista" e "estética do negro".
- C** metaforização, relativa à construção dos sentidos figurados, como nas expressões "descolonização estética" e "discurso midiático-publicitário".
- D** nominalização, produzida por meio de processos derivacionais na formação de palavras, como "inferiorização" e "desvalorização".
- E** adjetivação, organizada para criar uma terminologia antirracista, como em "ética da diversidade" e "descolonização estética".

## ANEXO P: Questão 35, 2018

## QUESTÃO 35

o que será que ela quer  
essa mulher de vermelho  
alguma coisa ela quer  
pra ter posto esse vestido  
não pode ser apenas  
uma escolha casual  
podia ser um amarelo  
verde ou talvez azul  
mas ela escolheu vermelho  
ela sabe o que ela quer  
e ela escolheu vestido  
e ela é uma mulher  
então com base nesses fatos  
eu já posso afirmar  
que conheço o seu desejo  
caro watson, elementar:  
o que ela quer sou euzinho  
sou euzinho o que ela quer  
só pode ser euzinho  
o que mais podia ser

FREITAS, A. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Cosac Naily, 2013.

No processo de elaboração do poema, a autora confere ao eu lírico uma identidade que aqui representa a

- A hipocrisia do discurso alicerçado sobre o senso comum.
- B mudança de paradigmas de imagem atribuídos à mulher.
- C tentativa de estabelecer preceitos da psicologia feminina.
- D importância da correlação entre ações e efeitos causados.
- E valorização da sensibilidade como característica de gênero.

## ANEXO Q: Questão 37, 2018

## QUESTÃO 37

**“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis**

*Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade*

“Nhai, amapô! Não faça a loka e pague meu acuê, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acuê’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: [www.midiamax.com.br](http://www.midiamax.com.br). Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha *status* de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- A ter mais de mil palavras conhecidas.
- B ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- C ser consolidado por objetos formais de registro.
- D ser utilizado por advogados em situações formais.
- E ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

## ANEXO R: Questão 41, 2018

## QUESTÃO 41

Campanha permanente pelo fim da violência contra as mulheres

SE VOCÊ FOI VÍTIMA DE ASSÉDIO, ROMPA O SILÊNCIO:

**DENUNCIE**

LIGUE 180

TELEFONE LILÁS 0800 541 0803

Centro Estadual de Referência da Mulher Vítima Anísio Machado

TRENSURB

Disponível em: [www.su21.com.br](http://www.su21.com.br). Acesso em: 1 dez. 2017 (adaptado).

Nesse texto, busca-se convencer o leitor a mudar seu comportamento por meio da associação de verbos no modo imperativo à

- A indicação de diversos canais de atendimento.
- B divulgação do Centro de Defesa da Mulher.
- C informação sobre a duração da campanha.
- D apresentação dos diversos apoiadores.
- E utilização da imagem das três mulheres.

## ANEXO S: Questão 43, 2018

### QUESTÃO 43

Encontrando base em argumentos supostamente científicos, o mito do sexo frágil contribuiu historicamente para controlar as práticas corporais desempenhadas pelas mulheres. Na história do Brasil, exatamente na transição entre os séculos XIX e XX, destacam-se os esforços para impedir a participação da mulher no campo das práticas esportivas. As desconfianças em relação à presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de masculinizar o corpo feminino pelo esforço físico intenso. Em relação ao futebol feminino, o mito do sexo frágil atuou como obstáculo ao consolidar a crença de que o esforço físico seria inapropriado para proteger a feminilidade da mulher "normal". Tal mito sustentou um forte movimento contrário à aceitação do futebol como prática esportiva feminina. Leis e propagandas buscaram desacreditar o futebol, considerando-o inadequado à delicadeza. Na verdade, as mulheres eram consideradas incapazes de se adequar às múltiplas dificuldades do "esporte-rei".

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino: uma revisão sistemática. *Movimento*, Porto Alegre, n. 1, 2013 (adaptado).

No contexto apresentado, a relação entre a prática do futebol e as mulheres é caracterizada por um

- A argumento biológico para justificar desigualdades históricas e sociais.
- B discurso midiático que atua historicamente na desconstrução do mito do sexo frágil.
- C apelo para a preservação do futebol como uma modalidade praticada apenas pelos homens.
- D olhar feminista que qualifica o futebol como uma atividade masculinizante para as mulheres.
- E receio de que sua inserção subverta o "esporte-rei" ao demonstrarem suas capacidades de jogo.